

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Bruna Soares Overbeck

Entre a graça e a desgraça: uma etnografia do uso e circulação de maconha na cidade de
Florianópolis

Florianópolis

2023

BRUNA SOARES OVERBECK

Entre a graça e a desgraça: uma etnografia do uso e circulação de maconha na cidade de Florianópolis

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a Flávia Medeiros Santos, Dr^a

Florianópolis

Overbeck, Bruna

Entre a graça e a desgraça : uma etnografia do uso e circulação de maconha na cidade de Florianópolis / Bruna Overbeck ; orientador, Flavia Medeiros Santos, 2023.

64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. maconha. 3. drogas. 4. Florianópolis. 5. usuários. I. Medeiros Santos, Flavia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Bruna Soares Overbeck

Entre a graça e a desgraça: uma etnografia do uso e circulação de maconha na cidade de Florianópolis

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais.

Florianópolis, 20 de março de 2023

Prof. Rodrigo da Rosa Bordignon, Dr
Coordenação do curso

Banca examinadora

Prof. Flávia Medeiros Santos, Dra
Orientadora

Prof. Viviane Vedana, Dra
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marcos Veríssimo, Dr
Universidade Federal Fluminense

Vinicius Ramos Lanças, Dr (membro suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Daniel e Lourdes por todo apoio e ajuda durante todos esses anos, jamais conseguiria concluir essa etapa sem vocês. Agradeço à minha orientadora Prof^a Flávia Medeiros pelo incentivo, referências e principalmente a paciência nesse processo, ainda continuo crendo que deveria ser canonizada. Também as pessoas do nosso grupo de orientação coletiva “Antropologia, conflitos e direitos” ao qual sempre me senti acolhida e foi essencial para produção deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a Faculdade Federal de Santa Catarina, os professores, servidores, trabalhadores do Campus Trindade.

Agradeço à FAPESC pela bolsa de Iniciação Científica sob o edital de chamada pública Nº 27/21 do programa FAPESC de apoio à Ciência, Tecnologia e Informação para Jovens Pesquisadores do Estado de Santa Catarina. Dentro do Projeto de Desigualdades, Moralidades e Conflitos: perspectivas etnográficas sobre dispositivos estatais e direitos humanos. Ao qual me permitiu estar mais próxima de eventos, práxis e universo acadêmico.

Agradeço aos interlocutores que me cederam suas experiências para realização deste trabalho, muitíssimo obrigado.

A todos meus colegas do Curso de Ciências Sociais, em especial aos que se tornaram amigos de vida. As amigas e também acadêmicas Mirela, Yana e Gabi que acreditaram que eu conseguiria, mesmo nos momentos de turbulência e desânimo durante a faculdade.

Ao meu amorzinho LG (Luis Gustavo) por estar comigo, sempre me dando suporte e carinho.

Obrigada meu Jah!

A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la. (Galeano, *As Veias Abertas da América Latina*, 2006, p. 341)

RESUMO

Este trabalho de monografia aborda o tema do uso e circulação de maconha na cidade de Florianópolis. Utilizando-se do método de observação participante para compreender o fenômeno e a percepção de múltiplos usuários da droga. A pesquisa contou com interlocutores-usuários e a participação de três fornecedores de maconha para entender a dinâmica da maconha como mercadoria no mercado ilegal. Busca se evidenciar o estigma, amparando-se no conceito elaborado por Goffman, de usuários e fornecedores que não pertencem às camadas médias, permeando conceitos de branquitude e hierarquia nas sanções aos usuários, advindos pelo proibicionismo. A pesquisa trata também dos vínculos possíveis com as substâncias, bem como a pertinência do território e a hipótese de tolerância ao uso de maconha em alguns pedaços de Florianópolis.

Palavras-chave: maconha, usuários, Florianópolis.

ABSTRACT

This monograph work addresses the issue of the use and circulation of marijuana in the city of Florianópolis. Using the participant observation method to understand the phenomenon and the perception of multiple drug users. The research outline with interlocutors-users and the participation of three marijuana suppliers to understand the dynamics of marijuana as a commodity in the illegal market. Seeking to highlight the stigma, based on the concept elaborated by Goffman, of users and suppliers that do not belong to the averages, permeating concepts of whiteness and obedience in respecting users, arising from prohibitionism. The research also deals with the possible links with the substances, as well as the relevance of the territory and the hypothesis of tolerance to the use of marijuana in some parts of Florianópolis.

Keywords: marijuana, users, Florianópolis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.2. METODOLOGIA	16
1.3 JUSTIFICATIVA: PORQUE PESQUISAR MACONHA?	19
2. DO HIPPIE AO HYPE: FLORIANÓPOLIS E A ESFERA "Legalize"	23
3. VÍCIO E VÍNCULO COM A MACONHA	35
4. FORNECEDORES, dealers ou Quem faz "o corre" com Cléber, Vini e Samuel	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
ANEXOS	55
REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca através do instrumento de pesquisa da antropologia, a etnografia, entender as estruturas, os processos e principalmente as relações e implicações presentes aos usuários de maconha (BECKER, [1963] 2008), com o intuito de traçar suas percepções, subjetividades e dilemas em torno da droga¹. Segundo o dicionário Michaelis, define que a *graça* está para um ato de benevolência, um favor que se faz ou concede-se a alguém, a teologia ainda descreve a graça como uma *dádiva* concedida ao indivíduo, independente do prévio merecimento, ao longo dessa pesquisa se evidenciou que o estado de graça no que tange o uso de maconha, ocorre a um recorte específico de usuários. Ao passo que a faceta da *desgraça*, essa por sua vez, refere-se a falta dessa "bênção divina" e recai sobre outro grupo de usuários de maconha, que não contam com essa generosidade e tolerância seja por parte da sociedade, seja pelas instituições e agentes do Estado.

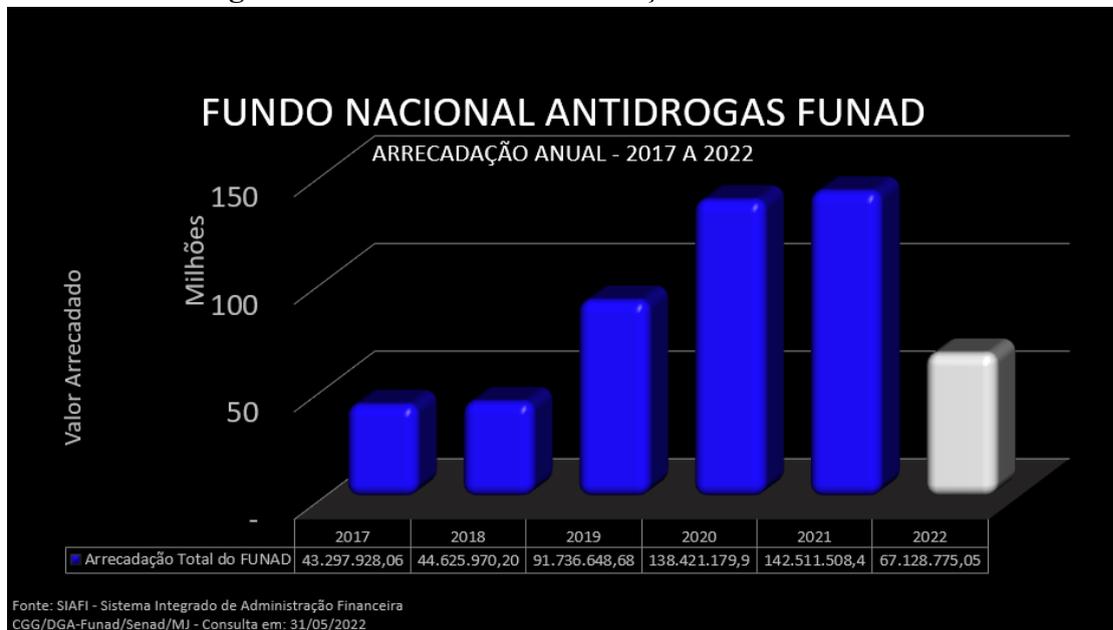
O trabalho procura refletir sobre o uso de drogas na contemporaneidade, seu estado de proibição e perseguição que se consolidou no século passado (LANÇAS, 2018) em termos históricos, o estado de proibição da maconha é recente, por diversos pressupostos fraudulentos, interesses econômicos e de exclusão social e racial ao qual ao longo deste trabalho, buscaremos inferir. A chamada "Guerra às Drogas" no Brasil, alcança questões profundas que impactam a vida dos indivíduos em grandes centros urbanos (não somente) como: segurança pública, encarceramento massivo, violência policial, racismo, desigualdades econômicas, espaciais, raciais se evidenciam em todas as esferas. A questão que ecoa sobre o tema é: Será que estamos sendo assertivos com a atual política de drogas? Na abordagem aos usuários?² As políticas públicas e seus orçamentos de milhões na tentativa de combater o tráfico de drogas são adequadas? Para explicitar a última indagação, o gráfico abaixo elaborado pelo FUNAD (Fundo Nacional Antidrogas) ilustra de forma clara a monetização que ocorre através do medo e pânico moral quando o assunto é narcóticos em geral. A indagação que reflete é o caráter desses programas e ações custeadas com recursos públicos,

¹ Embora poderia utilizar o termo "planta" da cannabis, uma vez que o trabalho busca se debruçar em questões socioantropológicas e não da botânica ou biomédica, é preferível usar o termo droga ou substância porque trata-se do sentido mais usado e mais impreciso da palavra quando tratamos de substâncias psicoativas ilegais. (FIORE *et al*, 2008)

² Não pretendo inviabilizar os usuários pacientes ou pacientes usuários que se beneficiam com a maconha para fins terapêuticos, entretanto é necessário aferir que estamos falando do uso adulto de maconha, uso social e seus desdobramentos.

sua real efetividade e propósito para atuar no que tange ao uso e tráfico de drogas no Brasil que possui um viés explicitamente racista.

Figura 1 - Gráfico com a arrecadação anual do FUNAD



Fonte: SIAFI - Sistema Integrado de Administração Financeira

Outro aspecto ao qual a pesquisa se conduz é pensar na subjetividade em torno do que é ser um usuário de maconha, de maneira a evidenciar suas alteridades quando se trata de determinados perfis de usuários, demonstrando uma incompatibilidade entre a “identidade virtual” e a “identidade real” dos sujeitos (GOFFMAN, 1982). Segundo o autor, essa incompatibilidade acarreta em prejuízo a sua identidade social, desmoralizando o indivíduo frente ao mundo. Outro fio condutor da pesquisa se debruça sobre o conceito da teoria do Ator-rede (LATOUR, 1994) onde entende-se a interação entre sujeitos e objetos, na TAR não se preocupa com a causalidade ou uma definição rígida sobre o que seria a “teoria” o “ator” e a “rede”, vale ressaltar que “ator” nesse caso, não se configura somente ao sujeito humano, possa ser instituições, animais, objetos, bem como “rede” possa estar para fluxos, alianças, circulações. Em contrapartida a TAR se debruça a pensar no efeito das coisas em relação umas às outras. Nessa esteira busco transformar a pesquisa em uma produção em devir, seguir as coisas através das redes que elas se transportam, descrevê-las em seus enredos, não estáticas a um objetivo final ou uma resposta única, pois seria audaz e irrealizável. O trabalho vai flexionar-se a pensar na maconha como, segundo Fiore sugere analisar as drogas, sem restringir a uma fronteira rígida entre os *efeitos objetivos e significados sociais*, alega que as

substâncias existem por inteiro desde as formas que aparecem no mundo quanto seus efeitos neuroquímicos aos sujeitos (FIORE, 2020).

Afastando-se de uma concepção dicotômica que vai das leis jurídicas aos saberes biomédicos acerca da maconha, buscaremos analisar o manejo da maconha a partir de uma perspectiva da antropologia das coisas, da mesma forma que pessoas, as mercadorias tem vida social (APPADURAI, 2008), nesse sentido a maconha está para além de um poder simbólico (BOURDIEU 1989), atribui-se a mesma um valor monetário, inclusive como mercadoria. No trecho que segue, pode-se tornar mais compreensivo a abordagem:

Mesmo que nossa abordagem das coisas esteja necessariamente condicionada pela ideia de que coisas não tem significados afora os que lhes conferem as transações, atribuições e motivações humanas, o problema, do ponto de vista antropológico, e que esta verdade formal lança qualquer luz sobre a circulação das coisas no mundo concreto e histórico. Para isto temos de seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas normas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida as coisas, Assim, embora de um ponto de vista teórico atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista metodológico são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social [...] (APPADURAI, 2008, p. 17).

Dessa forma, adicionamos mais um viés de perspectiva em torno da maconha, segundo Arjun Appadurai (2008, p. 31) que se utiliza da elaboração de Jacques Maquet (1971) a respeito da produção de estéticas em torno das mercadorias, este divide-as em quatro estados: i) mercadorias por destinação ii) mercadorias por metamorfose iii) mercadorias por desvio e iv) ex-mercadorias. Identificamos que a maconha para este trabalho, percorre dois destes estados, o primeiro seria o estado de *metamorfose de mercadoria*, são aquelas coisas destinadas a outros usos que se colocam no estado de mercadoria e um segundo que converge com o primeiro, as *mercadorias por desvio* por sua vez se desloca a pensar nos “objetos” que são postos no estado de mercadoria embora em sua origem estivessem especificamente protegidos desse estado. Assim, amparamos nossa perspectiva histórica da maconha, a partir do momento em que ela se torna *mercadoria*, pois seu estado de perseguição e proibição para além de vieses xenófobos e racistas³ a maconha “perde” também para os interesses industriais altamente lucrativos como: têxteis⁴ (fibras), petróleo, farmacêutico e até mesmo para o plástico⁵.

³ Como ocorreu nos EUA com mexicanos e escravos advindos da África para o Brasil.

⁴ Aqui estamos nos referindo ao cânhamo, que pertence à mesma família da *Cannabis Sativa l.*

⁵ Essas informações foram obtidas pela professora Eliana Rodrigues da Universidade Federal de São Paulo no VIII curso de Cannabis Medicinal da UNIFESP que abordava desde processos etnofarmacológicos, históricos e jurídicos da maconha. O curso foi ministrado de forma remota com inscrições gratuitas e teve duração de quatro meses.

Voltando a pensar na prática do uso adulto responsável de maconha⁶, podemos mobilizar questões diversas do nosso cotidiano na cidade, redes de sociabilidade, vocabulário próprio e (re)conhecimento entre usuários de uma experiência muitas vezes compartilhada mas não idêntica, para um recorte necessário, o trabalho vai percorrer três capítulos de abordagem sobre o tema para além desta introdução com propósito de situar o leitor de onde estamos partindo ao falar em maconha. No capítulo um Do hippie ao hype: Florianópolis e a esfera “legalize” vamos apresentar a relevância do lugar, sua tolerância a determinados espaços e determinados corpos bem como suas particularidades locais do uso de maconha.

No capítulo dois “Vício e vínculo com a maconha” se busca uma discussão mais subjetiva das relações humanas e as drogas, o capítulo visa uma descrição sobre a ótica dos usuários. De acordo com o que Frederico Policarpo argumenta “não é sobre o que é dito sobre o consumo, do que é feito para controlá-lo seja via medicalização e criminalização mas também do que os próprios consumidores falam sobre o consumo” (POLICARPO, 2016, p. 42).

Já no capítulo três “Fornecedores, *dealers* ou Quem faz o corre” a intenção é demonstrar juntos aos fornecedores, que são distintos entre si como a demanda também é multifacetada assim como os usuários. Longe de serem fornecedores ligados a alguma facção criminosa organizada, são fornecedores/usuários que administram a procura por maconha como uma forma de assegurar alguma renda necessária ou complementar. Usuários que fazem esse tipo de transação de forma excepcional ou recorrente.

No que tange a estética e o imaginário de não usuários aos usuários de maconha, fica evidente a estigmatização a determinados sujeitos e grupos, circunstanciados por relações de classe, raça, poder e gênero. Sobre essa última pertinência, a questão de gênero, vai ser pensada a partir da dissertação de Meinhardt (2020) onde a autora, reflete em torno da criminalização de homens negros, propõe um conceito de masculinidades criminalizáveis frente a era da Guerra as Drogas, como uma estratégia de encarceramento em massa, estratégia essa que se evidencia com o relato do interlocutor Júlio, no capítulo um. Por fim, na seção de considerações finais, iremos emaranhar os processos desta pesquisa, suas tramas e desfechos.

A pesquisa busca desmistificar o imaginário do usuário de maconha, que ora percorre alusões rasas e desinformadas, ora percorre questões moralizantes estigmatizadas. Antes de um mergulho mais profundo, vamos esclarecer mais algumas questões introdutórias como a

⁶ O termo “recreativo” denota uma inscrição mais lúdica/prazerosa ao uso, fator que nem sempre é um pressuposto em usuários regulares.

metodologia de pesquisa, a justificativa: por que pesquisar maconha? Ademais, o próximo tópico vai tratar da elaboração do problema de pesquisa.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Segundo o III Levantamento sobre uso de drogas pela população brasileira⁷ desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2017) a maconha continua sendo a substância ilícita mais consumida no país, bem como no mundo (países onde ela ainda é ilegal), a última edição do GDS (Global Drug Survey, 2022)⁸ e as edições anteriores corroboram em afirmar que a maconha é a droga mais popular e consumida. Voltando ao cenário nacional, no segundo semestre de 2022 o governo federal ao qual tinha como chefe de Estado Bolsonaro, lançou uma cartilha que alerta sobre os “riscos do uso da maconha e sua legalização”⁹ que segundo o ex-secretário nacional de cuidados e prevenção às drogas Quirino Cordeiro, do Ministério da Cidadania, ressalta que: “O Governo Federal tem posição firme contrária às drogas, estando em plena sintonia com a sociedade brasileira. Proteger crianças, adolescentes e toda a população contra os danos da maconha e de outras drogas é ação de inquestionável relevância” ressalta o ex secretário do Ministério da Cidadania, Quirino Cordeiro.

O trabalho não visa examinar o caráter militante em torno da maconha, como movimento social e político, reconhecemos sua extrema importância para o avanço do debate no Brasil, porém já existem pesquisas que analisaram de modo satisfatório o tema¹⁰, existem questões de uso problemático ou abusivo quanto às substâncias, assim como existem usos abusivos com alimentos industrializados, jogos de azar e redes sociais. O que se busca demonstrar é que a atual Política Nacional de Drogas do governo brasileiro, está desagregada com a realidade e sobretudo usando de argumentos obsoletos e estratégias punitivistas seletivas a determinados corpos, que já se mostram falhas em outros lugares, essencialmente

⁷ Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>

Acesso em 25/07/2022.

⁸ Disponível em: <https://www.globaldrugsurvey.com/> acesso em 25/07/2022

⁹ Disponível

em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/ministerio-da-cidadania-lanca-cartilha-sobre-os-riscos-do-uso-e-da-legalizacao-da-maconha> acesso em 25/07/2022

¹⁰ Exemplo da tese de doutorado de Vinicius Lanças “De usuário a Ativista, o Movimento Anti-Proibicionista através da Marcha da Maconha no Brasil”. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205972/PSOP0642-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> acesso em: 13/11/2022

no Brasil, um país extremamente desigual. O historiador Henrique Carneiro expressa esse caráter corrompido do viés proibicionista na contemporaneidade:

O proibicionismo do início do século XXI dirige-se não contra o álcool, mas contra outras drogas (os derivados de coca, ópio, canábis e substâncias sintéticas). Seu efeito é aumentar a voracidade da especulação financeira nesse ramo de alta rentabilidade do capital e, ao mesmo tempo, inflar o aparato policial na tarefa da repressão. As drogas são produtos da cultura, são necessidades humanas, assim como os alimentos e as bebidas, podendo ter um bom ou um mau uso, assim como ocorre com os alimentos. A diferença é que um viciado em açúcar não corre o risco de ir preso, mas apenas o de perder a saúde na obesidade ou diabetes. A ideia da erradicação do consumo de certas substâncias é uma concepção fascista que pressupõe para o Estado um papel inquisitorial extirpador na administração das drogas, assim como de outras necessidades humanas. (CARNEIRO, 2002, p.127).

Diversas vezes se torna complexa a administração do uso de maconha por alguns usuários, uma justificativa plausível seria o próprio estado de proibicionismo pois culmina em falta de informações sobre as drogas, programas como o PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência) ao qual tem como foco crianças de 9 a 12 anos em período escolar, estão longe de ser assertivos na abordagem distorcida do uso de drogas, mesmo que para adolescentes. A mídia sensacionalista também reforça preconceitos bem como alguns setores religiosos. Podemos perceber esse exemplo de efeitos indesejáveis no cotidiano de usuários, o mau gerenciamento no seu uso de drogas, como quando um interlocutor compartilhou comigo o que pensava, quando eu contava que estava a fazer meu trabalho de conclusão de curso sobre maconha através da ótica de usuários e fornecedores:

[..] É pra falar bem? Porque a cada dia que passa, vejo como a ganja¹¹ atrapalha a minha vida; [...] Antes de eu ser um usuário diário, eu era muito estudioso. Hoje em dia eu tenho muita dificuldade em várias áreas, porque tô sempre ‘chapado’, não consigo estudar e nem me relacionar com as pessoas” [Vitor, agrônomo, 35 anos]

Esse sentimento expresso pelo interlocutor Vitor, não é tão raro, muitos usuários de maconha e outras drogas, atribuem a substância a responsabilidade pelo insucesso na vida, não condizem com as expectativas lançadas a eles, sejam por familiares, sociedade ou até mesmo eles próprios. “Considera-se que boa parte daquilo que se apresenta como o “problema das drogas” não é resultado das propriedades intrínsecas das substâncias, mas sim da atual política proibicionista” (LABATE *et al*, 2008) essa última citação se refere ao que

¹¹ Categoria nativa, outra forma de se referir a maconha.

muitos autores e pesquisadores apontam, na verdade, o “problema das drogas” é um subterfúgio, se coloca a droga como um “inimigo comum” para mascarar problemas sociais mais complexos. Como declara Loreto:

Nas sociedades contemporâneas, por exemplo, os mitos demasiadamente reais do trabalho, do sucesso, do lazer e da saúde se contrapõem e se interligam aos processos de narcotização das populações e da destruição das massas prescindíveis, imprescindíveis, desejáveis ou descartáveis, ao mito do entretenimento, da satisfação e do gozo, se enlaça a realidade da angústia, da depressão, do pânico e da dor, e assim sucessivamente ao longo de diversas instâncias do social. A ordem se suscita na inter-relação muitas vezes complexa e labiríntica, entre as diversas fábricas dessa ordem ocupadas desordenadamente pelos sujeitos. (ANDRÉAS LORETO, 2014, p.332)

Assim sendo, o trabalho se voltar a pensar na maconha e sua agência, muitas vezes contraditórias para usuários. Existem diferentes formas de vivenciar e encarar o consumo de substâncias ilícitas como a maconha, formas essas que não raro são conflitantes entre si. (MACRAE e SIMÕES, 2000).

Figura 2 - Cartilha lançada pelo governo federal sobre os riscos da maconha e sua legalização



Fonte: gov.br

1.2. METODOLOGIA

Através do ferramental antropológico, como observação participante (WHITE, 1990), o autor William Foote White mobilizou suas competências em estudos etnográficos urbanos, tomamos estes como referencial para esta monografia. Em sua pesquisa, o local que ele preferiu chamar de Cornerville, se localizava em alguma comunidade subalterna em Boston em que o autor se inseriu a fim de captar os circuitos da dinâmica social entre os rapazes da esquina e os rapazes formados, era através dos jogos e jogatinas que se expressavam prestígio e status, sendo um dos principais assuntos que envolviam os rapazes. De forma sumária com o exemplo de Cornerville, gostaria de mencionar que a observação participante faz com que você compreenda com profundidade a natureza e os arranjos específicos do seu objeto, local e atores da pesquisa. Para isso, deve-se dispor a escuta ativa e o ouvir atento mais do que tudo, para além de outras sensibilidades aguçadas ao testemunhar e participar de situações a qual norteiam o interesse do pesquisador. William Foote-White traduz a perspicácia necessária para pesquisadores que pretendem se utilizar do método ao qual foi essencial para este trabalho:

As vezes eu duvidava se fazer ponto nas esquinas era processo suficientemente ativo para ser dignificado pelo termo “pesquisa”. Talvez devesse fazer perguntas aos rapazes. No entanto, é preciso aprender o momento apropriado para perguntar, assim como o que perguntar. (WHITE, [1943] 2005, p. 81)

A partir de levantamento bibliográfico sobre o fenômeno de uso de drogas na contemporaneidade se percebe uma carência de debate e investigação nos pilares das Ciências Sociais em geral. Visto que o assunto implica em aspectos significativos da vida social, tanto a nível individual como coletivo, por exemplo: como indivíduos entendem sua subjetividade, paixões, necessidades até as questões de desobediência cívil, moralidades, políticas públicas, dentre outras questões. Segundo assegura Júlio Assis:

Uma determinada substância química se torna uma “droga” em um determinado contexto de relações entre atividades simbólicas e o ambiente, em que operam saberes e poderes.
O efeito é resultado do modo como tal ou qual produto atua no sentido de orientar, organizar, educar e expressar uma determinada sensibilidade. Constituídas por variadas interpretações, paixões e interesses, as “drogas” são (ou deveriam ser) um tema por excelência das ciências humanas . (JÚLIO ASSIS SIMÕES, 2008, p. 17)

Se percebe que para além da escassez do debate nas Ciências Sociais, os trabalhos com a temática de usuários de maconha e outras drogas estão concentrados nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Paraíba. Isso demonstra uma carência da temática em Santa Catarina, sobretudo em Florianópolis, a capital do estado. Com isso, se pretende demonstrar que o ambiente, paisagem, contexto social e cultura local também se articulam na promoção de estilos de vida, no processo de desenvolvimento de relações. Sendo assim, a metodologia da pesquisa se ampara nos exemplos de pesquisas etnográficas feitas nas cidades; inspiração nos trabalhos de Gilberto Velho (1973), José Guilherme Cantor Magnani, (1984, 2008) Viviane Vedana (2004, 2008), William Foote Whyte ([1943], 2005) entre outros.

Me desvisto da ideia de uma pesquisadora isenta, distante do objeto de pesquisa, me proponho a fazer uma pesquisa onde para além da clássica premissa de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico (DAMATTA, 1978), se entende que no debate do processo de estranhamento, para além de um cientista social, o pesquisador é um sujeito que está inserido em uma dinâmica social e vivencia as relações de poder, destacando como no caso da presente pesquisa, que são decorrentes do pensamento proibicionista (RIBEIRO JUNIOR, 2016). Como problematiza Gilberto Velho: “o fato é que se está discutindo o problema de experiências mais ou menos comuns, partilhadas, que permitem um nível de interação específico” (1978).

Por meio da perspectiva antropológica, venho aproximadamente há um ano e meio me colocando de maneira tática no campo para perceber as multidimensionalidades que envolvem a maconha, principalmente as interações entre os sujeitos que ocorrem por meio dela. Através do diário de campo, relatos captados, conversas diversas com meus interlocutores, busco entender as sensibilidades, intenções, barreiras e anseios com a maconha em suas trajetórias de vida. Não utilizarei questionários fechados ou softwares de pesquisa, pois creio que apartaria da profundidade a qual buscamos captar com as narrativas dos interlocutores, a experiência narrada e vivida. Conto com três interlocutores-fornecedores que de maneiras diferentes atravessaram minha vida pelos trilhos da ilicitude, discorro de maneira mais aprofundada no capítulo três, sobre meu envolvimento com eles, a forma como conheci cada um e uma descrição de suas estéticas.

Dessa forma, através dos contrastes de vivências dos interlocutores, é possível pensar nas peculiaridades e diferenças que marcam os contextos e sentidos em torno do mercado da maconha. Da mesma forma, pelos relatos de outros interlocutores usuários é possível delinear o quanto o uso da maconha se coloca em uma abordagem de “graça à desgraça” ou seja, de

como que, enquanto para alguns sujeitos o uso da maconha não acarreta em consequências punitivistas, para outros os desfechos passam por situações de aflição e angústia.

Demonstrando que aspectos subjetivos fazem sentido dentro de contextos e situações de uso, é uma perspectiva nos estudos sobre uso de substâncias: O SET: estado do indivíduo no momento do uso, para além de suas questões psicológicas, físicas, sua expectativa e disposição a experiência; o SETTING: diz respeito ao cenário ou ambiente social, companhias e os significados culturais atribuídos ao uso; DROGA: se configura na ação farmacológica da substância, se endovenosa, aspirada, fumada (ZINBERG, 1984). Nesse caminho, utiliza-se da observação participante (WHITE, op. cit) onde aproxima-se de eixos centrais da discussão mas se coloca totalmente a dispor a captar o espontâneo dos relatos, uma pesquisa que se volta aos processos e não às causas. Segundo Viveiros de Castro (2002), o mais importante é o discurso do Observador ter relação ao discurso do Observado de forma mais clara, aponta:

Essa relação é uma relação de sentido, ou como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, np).

Desse modo, para além das correlações que estudos de caso compõem, os meios para levantar as informações da pesquisa, foram encontros presenciais com esses interlocutores (previstos ou espontâneos) trocas de mensagem via whatsapp, rede de apoio entre usuários (indicações de vivências que contribuam para exemplificar situações em torno do uso da maconha), dentre outras. A fim de captar a autenticidade dos relatos e compreensão sobre o tema, a abertura que possibilita a coleta de relatos orais é uma categoria de análise insubstituível. Logo, a “seleção” dos interlocutores se deu de forma dinâmica, desde pessoas mais próximas ao meu ciclo social aos conhecidos, até mesmo indivíduos que conheci no processo de realizar essa pesquisa, ao qual eu solicitava permissão para compartilhar suas vivências que envolviam a maconha. A fim de garantir suas integridades e anonimatos, todos os nomes são fictícios, exceto de um interlocutor ao qual não fazia questão de ser desidentificado, bem como suas ocupações, alguns interlocutores preferiram não informar. A única restrição para com a proposta do trabalho era de que fossem enredos que ocorreram em Florianópolis. Como não se utilizou questionários semi-estruturados com as perguntas taxativas como “Quando foi que você começou a fumar maconha?” ou “Quais são suas estratégias para obtenção?” seriam questões superficiais que não traduziriam a síntese deste

trabalho. Creio que foi essencial a relação como semelhante (usuária) para com meus interlocutores por mobilizar o que já foi dito anteriormente: linguagem, códigos e performance, que não ocorrem de forma como se fosse um regulamento rígido, pelo contrário é na sutileza que possibilita reconhecer seus pares, fortalecendo vínculos de confiança e pertencimento.

Seria ingênuo pensar que, a partir de algumas experiências reveladas e até mesmo vivências pessoais dos interlocutores, se possa fornecer uma perspectiva única sobre o assunto. Mas que a partir do conteúdo apreendido nas falas, se possa reformular premissas e provocar críticas sobre como entendemos os usos de substâncias na sociedade contemporânea, sobretudo a maconha, nosso prisma.

1.3 JUSTIFICATIVA: PORQUE PESQUISAR MACONHA?

Nasci em uma cidade que já foi considerada a Capital do Tabaco no Brasil, Santa Cruz do Sul no Rio Grande do Sul (RS). Atualmente ela perde seu topo no ranking para outras cidades no RS que também tem sua principal economia advinda da plantação, produção e manejo do tabaco em nível industrial. Bem, mas o que o tabaco tem a ver com a maconha? Possa ser interessante traçar paralelos de como algumas substâncias são aceitas socialmente e dignificadas, não somente por representar lucratividade em torno de um hábito de consumo mas também por serem consideradas drogas que permitem os sujeitos a se manterem “produtivos”¹². Como bem define o trecho do artigo de Henrique Carneiro:

O tabaco, traficado pelos jesuítas, após uma resistência inicial dos protestantes e dos orientais, foi aceito e valorizado, juntando-se ao álcool, ao açúcar, ao café, ao chá e ao chocolate para constituírem o universo das drogas oficiais da vida cotidiana moderna, enquanto outros, como os cactos e cogumelos alucinógenos americanos foram proibidos pela Igreja no período colonial, assim como os derivados do ópio, da coca e da maconha, a partir do século XX, conheceram o estatuto da proscrição, nas diversas formas de proibicionismo. (HENRIQUE CARNEIRO, 2002, p. 116-117)

O tabaco já foi motivo de celebrações e festividades locais em minha cidade natal. A festa nacional do Fumo (Fenaf) que foi substituída posteriormente pela Oktoberfest¹³, festa

¹² Esse estigma de que usuários de maconha se tornam apáticos ou indolentes foi contestado por um recente estudo da Universidade de Cambridge: Anhedonia, Apathy, Pleasure, and Effort-Based Decision-Making in Adult and Adolescent Cannabis Users and Controls, *International Journal of Neuropsychopharmacology*, 2022; Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ijnp/pyac056> Acesso em: 11/11/2022.

¹³ A Fenaf ocorreu em 3 edições, sendo a última em 1978, no contexto de campanhas antitabagismo que cresciam no mundo todo, desde a década de 60. Logo, empresários das grandes fumageiras,

essa que tem o chopp como símbolo à "festa da alegria" é um exemplo de como algumas substâncias possam ser reveladas em torno de uma esfera de gracejo, ignorando suas problemáticas em torno do consumo abusivo e estigmas sociais.

É notório que no caso da maconha o caminho seja controverso. Mesmo com recentes brechas judiciais e a docilidade midiática ao que viabilizam a maconha como: “maconha terapêutica” ou *Cannabis* medicinal, o uso adulto responsável da maconha ainda é vulgarizado e estigmatizado a determinados indivíduos e locais. Durante a adolescência tive contato com a cultura *punk*, *hard-core* e tudo que envolvia a denúncia massiva a violação de direitos humanos, crítica ao capitalismo, especismo, performance de gênero e desobediência civil. Mesmo inserida nesse cenário desviante (BECKER, op. cit) não era eu usuária de maconha tampouco meu grupo de amigos, que mesmo sendo geracionalmente mais velhos, não era a “onda” deles. Acho importante apontar essa época pois creio ser nela a nascente de um pensamento crítico e contestador e também através de uma justificativa pessoal, demonstrar que a maconha não me foi apresentada por esse grupo de pessoas “mais velhas”, se talvez parte desse grupo fosse usuário de maconha, seria me oportunizado um uso precoce? Talvez. Segundo um artigo¹⁴ publicado em 2020 pela BMC Public Health da Universidade canadense Memorial University of Newfoundland, sugere que o uso não medicinal de maconha deva ocorrer com a idade mínima de 19 anos, o interessante que essa pesquisa canadense levou em conta não somente os efeitos neurológicos dos jovens como também saúde mental, escolaridade, propensão ao tabagismo mas considerou também o acesso ao mercado irregular, sendo assim sugerindo a idade mínima adequada de 19 anos, dentre as variantes apresentadas na pesquisa. Por outro lado se torna inviável esse controle rígido do momento de se experimentar ou fazer uso regular de alguma substância. Como aponta Fiore:

Se focalizarmos no final da adolescência , período no qual a maior parte dos sujeitos esteve aberto às experimentações e, principalmente, “se jogaram” num consumo mais frequente e intenso de drogas, ali poderíamos ver algum nível de cisão. Mas, se por outro lado, olharmos as longas trajetórias, é possível observar permanentes e instáveis negociações. Assim como a medicina não pode ser tomada como um campo monolítico do saber, produzindo consensos efêmeros que se apresentam publicamente como controvérsias, os sujeitos também se movem de forma errática, (des)equilibrando desejos e perigos, ganhos e perdas. (FIORE, 2020, p.175)

concluíram que deviam partir para uma nova estratégia. Referência: Danúbia Sehn em “ A contribuição da Oktoberfest para o discurso identitário germânico de Santa Cruz do Sul” Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/665/1/DanubiaSehn.pdf> Acesso em: 28/11/2022.

¹⁴ Nguyen, H.V., Bornstein, S., Gamble, JM. *et al.* Too young for Cannabis? Choice of minimum legal age for legalized non-medical Cannabis in Canada. *BMC Public Health* 20, 557 (2020). <https://doi.org/10.1186/s12889-020-08639-z> Acesso em: 28/10/2022

Por coincidência, indo de encontro ao que o artigo propõe, o meu uso com maior frequência se deu exatamente aos 19-20 anos, quando fui residir em Porto Alegre capital do Rio Grande do Sul- RS para fazer curso de pré-vestibular na Ongep (Organização Não-Governamental para Educação Popular) na rua dos Andradas em um prédio residencial em frente a Casa de Cultura Mario Quintana, memorável época, todo meu reconhecimento e carinho a esse lugar, as/os professores(as)/voluntários(as), as oficinas de escrita criativa, amizades, trocas e aprendizados que me foi oportunizado.

Ao me mudar para Florianópolis, em agosto de 2015 para cursar Ciências Sociais na UFSC, percebi com a minha breve “carreira” de maconheira (BECKER, op. cit) que as dinâmicas em torno da tolerância ao uso de maconha nas praças, lugares abertos, alguns *pedaços* (MAGNANI, 1992) da cidade, a circulação em torno da maconha ocorria como em um fluxo que me permitia sentir a esfera “*legalize*” diferente de como ocorria quando vivi em Porto Alegre. Entretanto, Florianópolis também não está para a Califórnia Brasileira como alguns blogs¹⁵ fazem a representação do Sul da Ilha da cidade, um dos *pedaços* mais relevantes de observação desse trabalho. Nesse sentido, sob um olhar um pouco mais investigativo, percebe-se que essa tolerância só é possível a alguns corpos.

Foram questões como essa suposta tolerância ao uso de maconha na cidade de Florianópolis que me apresentaram o ensejo de entender melhor as particularidades do local através da ótica de usuários e alguns fornecedores. Foi então que me pareceu interessante investigar o mercado *suspense* de maconha na cidade de Florianópolis. Chamarei de “suspense” pelo motivo de entender que o cenário de circulação da maconha se dá de forma natural e sem muita discriminação para alguns sujeitos, à priori, essa tolerância em relação a maconha tem como hipótese que, para além de Florianópolis ser uma cidade turística litorânea, ela é um cerne de usuários das camadas médias (VELHO, 1998).

Tal apontamento se ampara nos dados expostos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) onde segundo o último Censo publicado (2010) mostra que 84% da população de Santa Catarina se autodeclarou branca, fator esse que se reflete na região metropolitana de Florianópolis, conforme ilustra o gráfico abaixo. Bem como é a única capital a estar no ranking das cidades com IDH mais alto e por último, no quesito educação, segundo o Observatório da FIESC, Santa Catarina é o terceiro estado do país com maior percentual de escolarização dos jovens entre 18 e 24 anos no ensino superior. Sendo assim, é relevante apontar os possíveis desdobramentos de classe e raça, sobretudo da branquitude em relação à

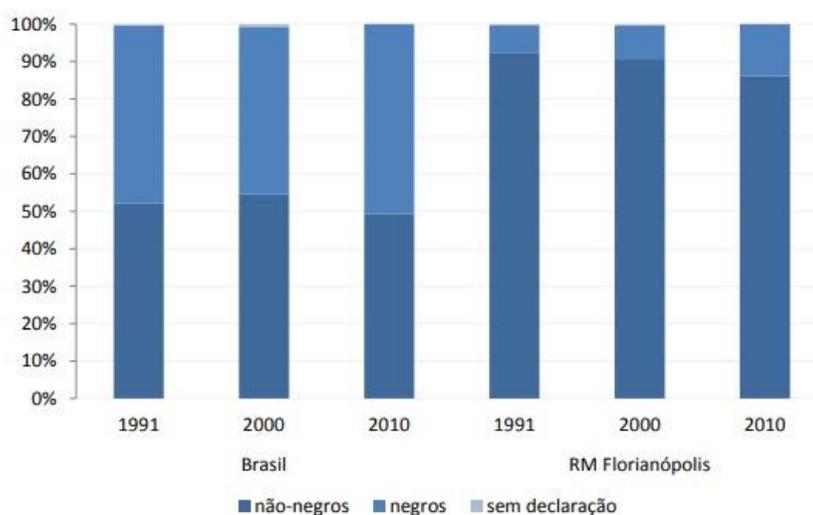
¹⁵ “Rio Tavares: a Califórnia Brasileira é aqui. Disponível em: <https://thesummerhunter.com/rio-tavares-a-california-brasileira-e-aqui/> acesso em 28/10/2022.

circulação e consumo de maconha na cidade.

Figura 3 - Composição da população brasileira segundo Classificação Racial

A população da Região Metropolitana de Florianópolis apresenta uma distribuição segundo a classificação racial bastante distinta do cenário nacional como observado no gráfico abaixo. Este fato é observado em toda a região sul do Brasil e reafirmado pelo estado de Santa Catarina que possui a menor proporção de negros do país (15,35%).

Gráfico 2 - Composição da População segundo a Classificação Racial em milhares (m), Brasil 2010



Fonte: IBGE

Outro discurso que recai sobre o uso de substâncias é que as drogas são extremamente perigosas e maléficas, tratando os casos problemáticos e abusivos como norma. Uma segunda falácia é a hipótese que existiria uma sociedade em abstinência completa das drogas, essa última premissa se torna ilógica, a partir do momento em que temos uma sociedade altamente familiarizada com o uso de outras “drogas” como café, açúcar e fármacos, além dos já mencionados tabaco e álcool. Para além do exemplo histórico de insucesso na proibição como foi a Lei Seca em 1920 nos Estados Unidos¹⁶. Nessa esteira, o aparato estatal através de uma estratégia de repressão falida, torna os problemas advindos do estado de proibição mais catastróficos que os problemas advindos do uso problemático de drogas. Como já mencionado, o relatório anual do Global Drugs Survey 2022 aponta a maconha, depois do álcool, sendo a droga mais usada em grande escala global. Nesse caminho não há como descolar os aspectos políticos, sociais e até

¹⁶ Para uma discussão mais aprofundada da história do proibicionismo estadunidense, ver: “Criminalização: análise econômica da proibição das Drogas” Mark Thornton. São Paulo- LVM Editora, 2018.

mesmo mercantil da maconha, como mercadoria de desejo e capital mas sobretudo tratá-la também via outro aspecto: paixões e necessidades humanas, demonstrar que não somente o álcool faz parte dos ritos de sociabilidade, consolo e prazer (CARNEIRO, op. cit).

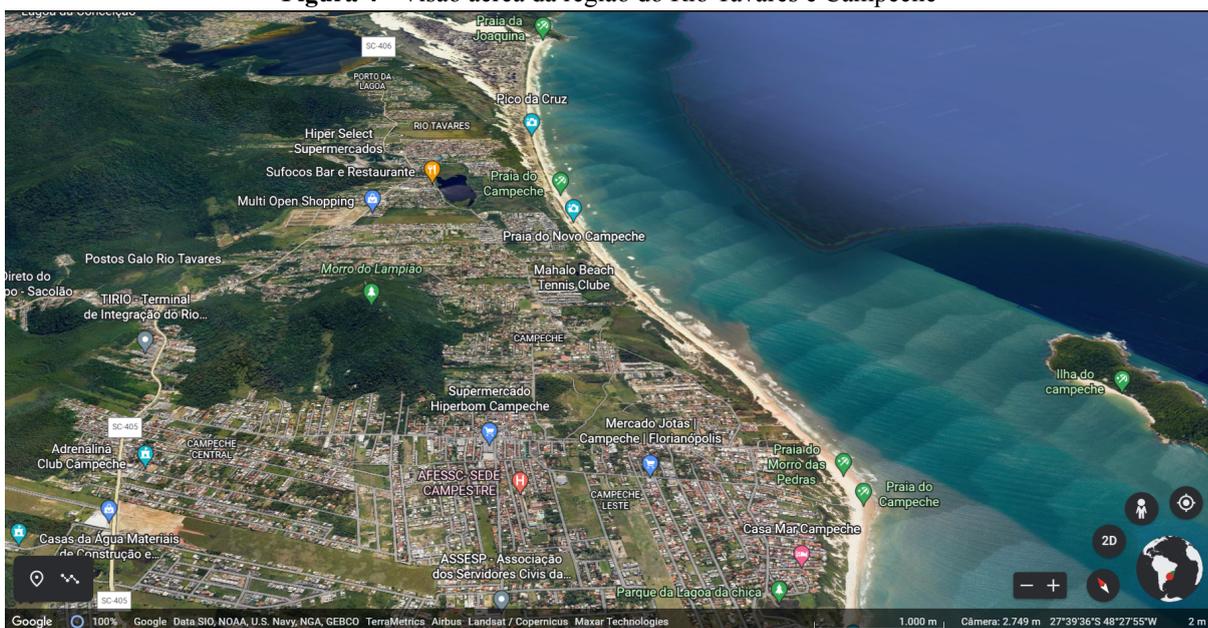
2. DO HIPPIE AO HYPE: FLORIANÓPOLIS E A ESFERA "Legalize"

Florianópolis está em processo de crescimento urbano desde as décadas dos anos 80 e 90, o que antes era uma cidade de pescadores vai se caracterizando como uma cidade turística (AMARANTE; ROSSATO, 2018). Sobretudo nas últimas duas décadas, em direção aos bairros do Sul da Ilha, como o Campeche, a especulação imobiliária adjunta desse processo de expansão urbana vem acarretando desgostos de parte da comunidade local, que questiona o modo como vem ocorrendo mudanças espaciais no local de forma desordenada e sem respeito às diretrizes de leis ambientais e também a exclusão de residentes nativos (AMARANTE, 2015).

O slogan no site¹⁷ de uma imobiliária local, cativa seus leitores a investir em imóveis onde tenha o metro quadrado mais valorizado da ilha de Florianópolis. Esse processo pode se caracterizar como um processo de gentrificação e uma hipótese a tolerância ao uso de maconha pelas ruas do bairro Campeche e Rio Tavares, não que esses "pedaços" (MAGNANI, op. cit) sejam os únicos onde a prática de fumar maconha acontece sem grandes dilemas, o leitor pode se deparar com usuários fumando maconha nos bairros em torno da UFSC, na Lagoa da Conceição, praia do Santinho ou no centro da cidade entretanto os bairros do sul da ilha e o específico pedaço mencionado, dos bairros Campeche e Rio Tavares transmitem essa esfera "legalize" de modo mais evidente, logo abaixo temos o mapa do território ao qual estamos apresentando:

¹⁷ O metro quadrado do Sul da Ilha é o mais valorizado
[:https://www.brogoli.com.br/metro-quadrado-sul-da-ilha-valorizado/](https://www.brogoli.com.br/metro-quadrado-sul-da-ilha-valorizado/) acesso em: 15/08/2022

Figura 4 - Visão aérea da região do Rio Tavares e Campeche



Fonte: Google Earth

Pode-se atribuir essa esfera *legalize* pelos bairros do Sul da Ilha, como o Campeche e o Rio Tavares também por não serem bairros onde o policiamento seja ostensivo. No artigo¹⁸ de Alba Zaluar em que ela busca entender o porquê do aparelhamento policial ou a ausência dele ocorre de formas diferentes entre os bairros de Madureira, Tijuca e Copacabana na cidade Rio de Janeiro, de forma análoga tenta-se fazer o mesmo ao evidenciar o espaço como parte significativa, pois permite compreender as conexões entre estilos de lazer e consumo de drogas, estilo de tráficos e policiamento, corrupção e violência (Zaluar, 2002). Considerando agora o deslocamento entre as estéticas do hippie ao hype mencionadas no título, o trecho a seguir do artigo já citado no texto: “O que pode o corpo drogado?” de Lisandro Andrés Loreto expressa a personificação dessas figuras:

O sujeito pode ser radicalmente livre, agir, interferir, reformar, mas, ao mesmo tempo, é um sujeito assujeitado e fragmentado pelas ordens sociais que o subjugam, e ainda mais, o submetem a diferentes regimes de ordenação dados em instâncias sociais diferenciadas, em arquiteturas de poder que variam, em dinâmicas de forças que oscilam, entre os cenários e os diversos engajamentos e agenciamentos em que o sujeito e seu corpo estão envolvidos. As ambiências de consumo de narcóticos entram claramente nesse jogo oscilatório entre desvio das normas e normatização do desvio, isto é, os sujeitos interagem como forças que tendem a desestruturar, desconstruir ordens, sobretudo perceptivas, mas ao mesmo tempo estão imbricados em uma trama social que pode devorá-los, e não somente isso, também, fornece as possibilidades de verdadeiros suicídios temporários, ou verdadeiras delícias em

¹⁸ A Guerra sem Fim em alguns Bairros do Rio de Janeiro, Alba Zaluar (2002) Disponível: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100019&lng=en&nrm=iso Acesso: 07/11/2022.

paraísos artificiais, ou enormes fugas da realidade nas profundezas nefastas dela mesma.

Atualmente, o sujeito parecerá menos fugitivo do mundo do que consumido nele mesmo. (LORETO, 2014, p.320)

O Rio Tavares é um bairro que mescla-se entre o rural e o urbano fica na parte da Costa Leste de Florianópolis, ele é reconhecido como um bairro jovial com diversos barzinhos e pequenos restaurantes, que geralmente se mesclam com a rua, ele fica entre Lagoa da Conceição e Campeche. O acesso a praia é feito por uma restinga e somente se chega por meio de pequenas trilhas de dunas, um dos *points* mais tradicionalmente frequentados é o Pico da Cruz, assim como a entrada

a para praia feita pelo acesso do “Rififi” apelido dado pelos moradores do local. A maioria dos moradores não são nativos, vindos de todo lugar do Brasil, mas preponderantemente de São Paulo e Rio Grande do Sul. Há diversas pistas de skate pelo bairro e também é reduto dos praticantes de surf. O bairro se configura em uma atmosfera *hippie-chic*, a quem procura um estilo de vida saudável e ‘conexão com a natureza’: prática de yoga, centros de terapias holísticas, nichos de alimentação *plant-based diet*, por essas e outras ele recebeu um apelido que entendo como ironia mas há quem leve a sério: *Rio Tavibes*.

Figura 5 - Casas em construção em um novo loteamento destoam da paisagem pastoril



Fonte: Registro próprio

O pedaço do bairro vizinho, Campeche conta com uma infraestrutura maior de serviços, sendo que sua rua principal a Pequeno Príncipe lembra muito a rua principal de turismo praiano, onde “tem de tudo” desde loja de materiais de construção, comércio, imobiliárias a estúdio de pole dance, igualmente como o Rio Tavares, entretanto um cobrador de ônibus, nativo, certa vez me disse que “Campeche era considerado bairro Rural!” percebo que ele cresceu de forma desordenada e desconfigurou-se no processo da crescente especulação imobiliária, ele fica entre o Rio Tavares e o bairro do Morro das Pedras, este último, mesmo sendo muito próximo aos *pedaços* (MAGNANI, op. cit) dos quais estamos descrevendo, não foi analisado em profundidade, por ser um local de passagem ou lazer para mim, não podendo verificar-se com segurança da dinâmica do bairro. No Campeche, mesmo que seus moradores sejam diversos, assim como no Rio Tavares se percebe uma maior presença de nativos, os chamados *manezinhos*¹⁹. A praia do Campeche é uma das mais famosas de Florianópolis, isso se atribui também a Ilha do Campeche que pertence à mesma praia e pode ser vista muito próxima de quem fica na faixa de areia. Na extensão da praia, existem também os *points* fartamente *legalizes*, como a Lomba do Sabão e o Caminho dos Surfistas, que são paralelos ao acesso da entrada principal da praia do Campeche, onde é mais raro se perceber pessoas fumando maconha sem discrição, por ser uma *mancha* (MAGNANI, op. cit) intensamente frequentada, principalmente por turistas, principalmente na alta temporada do verão.

¹⁹ Sobre a identidade e sociolinguística do termo Manezinho aos nativos da Ilha de Florianópolis : O que é ser Manezinho? Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2014v15n1p84>. Acesso em : 07/11/2022.

Figura 6 - Lomba do Sabão - Campeche



Fonte: Blog Hardcore, foto Ana Helena

Ao me propor fazer uma etnografia dos usos e percepções quanto ao mercado de maconha na cidade de Florianópolis, mesmo que a cidade seja caracterizada por uma tolerância quanto ao uso social da maconha, a especulação inicial, quanto a essa flexibilidade, é de que ela ocorre em lugares específicos e "amigáveis" ao seu uso, bairros como Rio Tavares e Campeche são os *pedaços* (MAGNANI, op cit) de lugares onde se observa com regularidade indivíduos fazendo uso de maneira despreocupada de maconha. Desse modo, não há como negar a pertinência do espaço como ponto relevante a ser observado.

Quando se trata de algum estudo para o qual a dimensão propriamente espacial é relevante, então a dificuldade assume uma forma bastante concreta: a de estabelecer recortes, fronteiras, e definir as unidades de análise. E, como tais recortes e unidades não são dados de antemão, é preciso construí-los destacando-os do fundo muitas vezes impreciso e contínuo da paisagem urbana tal como é vista pelo senso comum (MAGNANI, 1992 np)

No plano prático da pesquisa, não se trata de relatar a experiência de algum ídolo ou civilizador da disciplina, mas de problematizar algo substancial da Antropologia, qual seja: o da especificidade e relatividade de sua própria *experiência* (DAMATTA, 1978). Ou seja, fazer uma etnografia das práticas de uso de algo que ainda é *proibido* pela legislação vigente, soa

como necessário e ao mesmo tempo conflitante.

O que vem se percebendo é uma mudança no estereótipo do usuário de maconha, o que antes era o sujeito caracterizado como *hippie*, advindo dos ideais do movimento da contracultura dos anos 60, os adeptos ao movimento defendiam uma vida simples, de paz & amor. A figura desses sujeitos também era atrelada ao consumo de drogas e como contestadores da cultura capitalista que vinha ganhando força (SOUZA, 1999) Essa representação do maconheiro *hippie* é atrelada na contemporaneidade a uma performance muitas vezes jocosa em tom de sátira, que possa sobrevir na aparição desses em festas a fantasia²⁰. Alguns neo-usuários de maconha ou *hypes* é aquele usuário que tem preferências a outras formas de uso da maconha, geralmente mais sofisticadas ao tradicional do *baseado* (cigarro de maconha), ligados também a moda e estética mais refinada. Geralmente esses usuários têm preferências a fumar “só as cremas” -nos termos de um interlocutor- isso quer dizer, fumar maconha de alta qualidade, sem ser na forma prensada, mais difundida e acessível (tanto em valores quanto em disponibilidade). Esse comportamento pode ter ligação com a importação de uma cultura canábica, proveniente de lugares onde a substância já é legalizada, e se difunde nos mais variados setores do mercado, que vão desde os nichos de Beleza e bem-estar com cosméticos, spas ao nicho da gastronomia e veterinária. Em síntese, a maconha, para alguns, está modificando seu poder simbólico (BOURDIEU, op cit) do mesmo modo ela está para mercadoria (APPADURAI, op cit) pois se atrela a uma esfera de inovação, *glamour* e tendência mercadológica.

Posteriormente, trazendo para o palco de Florianópolis e pedaços da cidade, quando dizemos que Florianópolis é *legalize*, não necessariamente está legal no seu plano jurídico, porém há brechas em determinadas ocasiões e locais. Borrando assim, as fronteiras entre o legal e ilegal. Marcos Veríssimo, em seu trabalho *Maconheiros, fumons e growers* exemplifica de modo mais satisfatório o que se procura dizer:

Refiro-me a um determinado uso contextual do termo “legalizar”, que consiste em sinalizar que o consumo de maconha pode ser praticado com uma razoável

²⁰ Está se usando o “hippie” aqui somente como alegoria para evidenciar o deslocamento de estéticas e de como a maconha está se voltando ao capital simbólico (BOURDIEU, 1987). Muito distante do discurso “natureza, paz & amor”. Por isso não vamos nos deter em especificar as atuais comunidades hippies e adeptos ao estilo de vida. Ao meu ver, acredito haver certas “comunidades” holísticas extremamente voltadas a monetizar a “cura”, inclusive de “vícios”, ação essa muito próxima de algumas “Comunidades Terapêuticas” administradas por segmentos religiosos. Veja mais sobre, no artigo: “Comunidades Terapêuticas e a Transformação Moral dos Indivíduos: entre o Religioso-Espiritual e o Técnico-Científico” <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9447/1/Comunidades%20terap%C3%AAuticas.pdf>
Acesso em: 26/01/2023

probabilidade de que não ocorram contratempos ou retaliações (ou mesmo incriminações) [...] Muitas vezes, para que várias pessoas que participam de uma festa ou evento em algum lugar fumam maconha, é preciso que alguém tome a atitude de acender o seu baseado, que é assim o primeiro, o pioneiro. E quando isso acontece, vários outros que estavam com receio de fazer o mesmo, o fazem dificultando inclusive a repressão a tal prática, em caso de haver desconforto de alguns e reclamações [...](VERÍSSIMO, 2017, p.133)

No terreno dos hypados: 23 de setembro de 2021, era uma quinta-feira, de temperatura amena, típica da primavera de Florianópolis, mas ainda convidativa para tomar um chopp à noite, a convite de uma amiga que há muito tempo não encontrava. Ela sugeriu trombarmos no Garden, localizado entre o Rio Tavares e Campeche, hesitei um pouco pois já havia trabalhado de modo *freelance* no local uma vez e não curti a “playboyzada” que frequentava lá, o ambiente *cool*...mas a mesma amiga alegou que era dia de rodada dupla e aí se tornou razoável o impasse do ambiente. Para minha surpresa, tava geral *legalizando* lá, diferente do dia em que trabalhei que me pareceu um espaço mais “careta”... Eram todos brancos entre seus 25 e 35 anos de idade...em uma longa mesa coletiva, percebi que o pessoal fumava um prensado mesmo, o qual o cheiro é bem marcante. Eu mesma, toda receosa minutos antes de fumar um tabaco com haxixe da minha amiga... achando que seria muito “na cara”... que nada! O pessoal tava sem pudor mesmo, claro, sem pudor mas evitando possíveis *pala* (dar pala é mostrar algo que supostamente não se quer mostrar) daí pra amenizar percebi um menino fumando um cigarro eletrônico, foi engraçado essa cena... minha mente não parava de emitir mensagens de sátira e deboche. De certa forma me sentia prepotente por acreditar que meu aprendizado como usuária vinha maior parte da cultura das “ruas”, marginais ao mesmo tempo acreditava eu mesclar-me de forma razoável em ambientes assim, porém jamais confortavelmente.

Dois dias depois, esse circuito empático entre consumidores de maconha me fez refletir sobre outra situação comum entre usuários o de “*Salvar e ser Salvada*”: Era sábado, o pote de vidro de conserva de pepino, que foi reaproveitado para depositar *beck* se mostrava vazio, a maconha coletiva da casa que ficava na cozinha aparentemente havia acabado, *aparentemente* não, havia de fato acabado, nem farelo tinha. Os colegas de casa não tinham nada em seus aposentos, Caos instaurado. Exageros debochados a parte, existe sim uma espécie de “fissura” quando se é um usuário regular e se vê sem maconha, ao que me parece estar mais ligado a um forte hábito do que propriamente um mal estar pela privação do organismo. É como pra quem habitualmente toma café ao acordar e se depara sem ele, enfadonho no mínimo. Deve-se atentar para o detalhe de como interpretamos nossas “fissuras” ou “abstinências”, Carl Hart (2021) propõe a noção de que não necessariamente

sintomas de abstinência configuram em dependência. Logo, pode-se passar por momentos e sintomas desagradáveis da abstinência, como dor de cabeça, irritação, entretanto os sintomas de abstinência não se equiparam à dependência. Porém, conseguir maconha muitas vezes não é tão simples quanto ir até o próximo mercado e comprar o café que está em falta. Muitas vezes seu “contato” não pode ir até você ou vice-versa ou está sem (maconha) também... Fato é, depois de se aporrinhar mentalmente de que “nunca mais vou deixar isso acontecer...” na próxima “vou comprar pra não faltar no fim do mês” você se lembra da rede de amigos, conhecidos que podem te salvar.

Nessa hora eu mando mensagem pro Adonis, o bicheiro do bairro ao qual eu havia estabelecido uma relação muito cordial, pois algumas vezes ficava lá no ponto de apostas de Adonis observando a dinâmica do pessoal que apostava, achava doido e ao mesmo tempo complexo como que ocorria as apostas: jogar na cabeça, no grupo, na centena, dezena... pra além de na época imaginar traçar um paralelo com o mercado de maconha pois, o jogo do bicho também esta para um funcionamento ilegal, a priori, entretanto ocorre também sem muito comedimento. Creio que isso pode ser realizável em outro trabalho. Adonis que aparentava ser um senhor de cinquenta e poucos anos, fugia totalmente do estereótipo de maconheiro, era um senhor boa praça comigo mas muito sério com quem vinha na casa de apostas, me contou que gostava de *fumar um* pra assistir filme. Nesse sábado ele me disse não ter com ele “ali” (local de apostas) só em casa... Um pouco desolada descendo a rua Pequeno Príncipe em direção a praia, trombo com um maluco, sorridente ao extremo ao qual estava vendendo chapéus, apetrechos de celular, bugigangas... O jovem homem era loiro de cabelos cacheados pele bronzeada violentamente pelo sol e com um sotaque do nordeste, ao passo que perguntei de onde o rapaz era, me respondeu que era da Paraíba e estava há 2 dias em Floripa, alegou que estava amando demais a cidade. Me falou que eu deveria “curtir fumar um²¹” dei um tímido sorriso e perguntei: “Ah é? Por que você acha isso?” no que o jovem me respondeu: “Ah! A gente se reconhece né!” caímos na risada. Logo ele me apresentou um *beck* extremamente verde esmeralda. Há tempos não via um *pren* (prensado de maconha) tão verdinho. Ele gentilmente falou que poderia ficar com aquele pedaço. Agradei e disse: “Po, você tá me salvando, *tava* sem nada...” e ele comenta: “estamos aí pra isso né...”. Desejei boa temporada pro verão que se aproximava. Curiosamente, no mesmo dia, eu que acabei “salvando” com *um* (baseado) outro amigo que relatava estar sem maconha. Lembro de pensar: “Caracolis! Os maconheiros são muito empáticos mesmo!”

Ao longo da introdução, busquei responder a pergunta “Por que pesquisar maconha?”

²¹ Categoria nativa entre usuários, se referindo a fumar um cigarro de maconha.

pensando na dinâmica da cidade de Florianópolis e como os processos de suposta tolerância acontecem. Foi considerada a hipótese de que o uso de maconha em alguns *pedaços* (MAGNANI, op. cit) teria em seu cerne usuários de camadas médias, sobretudo, brancos. Esse é o mesmo palpite de uma interlocutora também branca, mãe, usuária, que mora na região do Rio Tavares partilha comigo via texto, é relevante dizer que nossa identificação como usuárias se deu através de gracejos e a piadas do universo canábico no espaço da academia, como quando antes de uma aula de dança ela se aproxima dizendo que estava “chapadona” (rimos). Longe de ser personificada como a imagem de “maconheira”, Luana apropria-se com afincado a mulher feminista que é, mãe de dois filhos, um deles criança outro adolescente, relação matrimonial de uma década, advogada de causas de família, se percebe muita sensatez e serenidade em sua postura, me surpreendeu demasiadamente ela se assumir usuária para mim.

[...] Ah, eu acredito que o uso e o fluxo da maconha em Florianópolis acontece em classes sociais mais abastadas, sobre a qual não há o julgamento condenatório. Há uma cultura de que se possa usufruir recreativamente sem que haja uma sanção social para essa conduta. Ou seja, entre classe média, a maconha é amplamente tolerada. [Luana, 38 anos, advogada]

Outra interlocutora, que veio a morar em Florianópolis para integrar um Programa de Pós-Graduação na UDESC, também identificou que a cidade era “*bem de boas*” para *fumar um* em lugares propícios para isso. Se for depender da beleza da cidade, há inúmeros lugares propícios para *legalizar*, mas quero com isso dizer, que os usuários geralmente procuram lugares tranquilos e se utilizam do bom senso para não criar situações em que possam causar mal-estar a si próprio ou a terceiros.

É importante especificar ao leitor que quando se descreve a cidade com pretensão de encenar o cenário “legalize” não se está dizendo que os usuários saem por aí sem discrição alguma, pelas ruas centrais movimentadas fumando, entrando em lugares diversos e acendendo cigarros de maconha. Tampouco identificar se há mais maconheiros na cidade de Florianópolis ou outra cidade qualquer, o trabalho não se propõe a quantificar ou uma perspectiva de equivalências de escala, mas de experiências vividas em um mesmo território por sujeitos diferentes. Uma razão é que sendo uma pesquisa de trabalho de conclusão de curso não teria vigor nem tempo hábil para uma pesquisa mais engenhosa. Pensando que cada espaço tem suas particularidades e aspectos próprios, me detenho a descrever o aspecto da

tolerância e sua ambivalência a determinadas representações de usuários. Feito esse esclarecimento, descrevo como Louis me relatou um episódio:

[...] Logo quando mudei para Florianópolis fazer mestrado, morava com meus avós que residem na parte continental de Florianópolis, no bairro Abraão...E o ponto perfeito para eu fumar era no bairro de Coqueiros porque era de frente pro mar, tinha as pedras... era um “rolêzinho” bom pra dar uma brisada, né? Só que: do lado das pedras, havia um posto policial...eu acho que eu nunca havia nem notado que aquele posto policial estava ali, eu cansei de fumar ali...algumas vezes...Até que um dia, olhei para trás e tinha uma viatura passando...até gelei, mas nada me aconteceu, sob a luz do dia. Daí que prestei atenção que tinha ali um posto policial, mas eu estava entre umas árvores, acredito que de lá eles não sentiam o cheiro (risos) mas a gente se via!! (os policiais e Louis) É um bairro relativamente nobre, não?! Não “noobre” assim, mas também não é um bairro periférico. Lembro de ter muita família com bebê, velhinhos, bastante prédio residencial, estilo família em propaganda de margarina... nada me aconteceu... Pra além de Coqueiros eu fumava na Beira Mar, perto do Shopping “Beira Mar” mesmo... também cansei de fumar ali...e passa policiamento ali, geralmente à tardinha quando o pessoal vai correr nas pistas, nunca nada me aconteceu... [Louis, 30 anos, professora]

A própria interlocutora, atribuía a questão da branquitude em relação aos policiais fazerem “vista grossa”, desconsiderando a situação implicar em uma afronta a eles ou a lei vigente. Diferentemente de outra interlocutora que compartilhou comigo uma situação enfadonha que passou como usuária, a situação ocorreu na praia da Barra da Lagoa, que fica localizada no Leste da Ilha, é um bairro tradicional e habitado por muitos nativos *manezinhos*. Fumar maconha na praia talvez seja o espaço mais comum e habitual para muitos usuários. Entretanto, para essa interlocutora, negra, o que era para ser um dia tranquilo e divertido com amigas na praia, acabou em tormento:

[...] Eu estava na praia com mais duas amigas, na Barra da Lagoa, antes de irmos para lá, pegamos um “corre” (porção de maconha), era pouca coisa, em torno de 20 gramas.

Escolhemos ficar mais longe da “muvuca”, caminhando para a faixa de areia onde era menos movimentada, até porque na Barra aos finais de semana, tem muita criança, família, tumulto... Você sabe né? Então...lá estávamos as três, de boaça...até que me surge um policial, ele não chegou nada amigável no diálogo...maior pressão, “como assim vocês

fumando maconha aqui?” Pensei comigo: “Se não aqui, onde meu Senhor?” Tentei argumentar que nos afastamos do movimento, para não ficar perto das crianças...Mas a rispidez foi maior. Porém a postura se tornou muito menos agressiva quando ele pediu para ver os documentos, claramente quando percebeu que se tratava de estudantes da UFSC o tratamento ficou mais sereno. Mesmo assim, como a maconha estava só comigo, ele alegou que era demais e iria me enquadrar como traficante! Você acredita? A solução foi que repartimos entre as três o que tínhamos, para levar um B.O (boletim de ocorrência). Não sei se ele falou só para apavorar ou se iria mesmo levar pra delegacia, como alegou [...] [Tulipa, 27 anos, estudante e trabalha em uma empresa de tecnologia]

Colocando os dois relatos em perspectiva, fica claro a disparidade da atuação policial entre usuários. Embasada na Lei Antidrogas 11.343, de 2006 que apesar de não prever prisão aos usuários de maconha permite que a pessoa seja presa pela posse da droga, porém fica a cargo dos agentes do estado fazer essa distinção entre usuários e "traficantes". Quando há essa hierarquização de quem pode se utilizar dos espaços coletivos aos que gozam do privilégio de não ser importunado por estar fumando maconha, pode-se reconhecer nesse processo como “Espaços de não-direito” como argumenta Marcos Verissimo (2017, p. 226 Apud GOMES, 2009).

A fim de demonstrar essa disparidade em relação a estereótipos moralistas e racistas quanto a “distinção policial”, descrevo dois casos, um deles dentro do campo da UFSC e outro nas proximidades, ambos interlocutores são homens e estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina:

[...] Era próximo do final da tarde... Sabe né?! Quando a gente tá se preparando pra fazer aquela sessão no pôr do sol pra depois ir no RU (restaurante universitário)...Eu estava perto das quadras de corrida, de basquete que tem lá no CDS (centro de desportos)... Estava um céu lindo, rosão, demais!! Ah, eu estava sozinho...Nisso, me aparece um policial, do nada! (sempre é do nada né? Risos) eu já tava queimando um, eu na hora perguntei: “você quer que eu apague?” Ele disse que “sim”... Perguntou se eu tinha “mais alguma coisa?” (se referindo a drogas), respondi que não...mas eu tinha (maconha) (risos). Mas ele nem pediu pra ver minha mochila, nada... Na verdade ele foi bem educado até...perguntou o que eu fazia, se eu estudava ali (UFSC), foi bem cordial...claro né, acredito que tem a ver com eu ser branco, de olho claro...é outro tratamento...Levantei, agradei a ele, peguei minhas coisas e saí...logo na sequência do passo, já acendi outro... (risos) [Davi, 28 anos]

Diferentemente de outro interlocutor que me cedeu seu depoimento ao qual a abordagem de um policial não foi nada cortês, resultando em uma ocasião de humilhação e desgraça. Segundo Meinhardt, “quando o proibicionismo inventa o crime (de tráfico) de drogas, ele também inventa um criminoso a ser perseguido, engendrando corpos negros no discurso de periculosidade situado na condição de traficante, forjando este corpo antes criminalizável do que perigoso” (MEINHARDT, 2020, p.67) esse subterfúgio dos agentes do Estado aparece claramente na interlocução de Júlio:

[...] Vou te contar como aconteceu...era de manhã, eu estava acompanhando minha namorada que iria dar uma aula na escola Beatriz de Souza no Pantanal...eu fui acompanhar ela porque ela ia pegar umas caixas de papelão no mercado... e aí, a gente ia fumar esse *beck* na pracinha...eu estava com o *beck* no bolso, beleza...passamos no mercado pegamos os papelão, e aí nesse meio tempo, eu tirei a camisa, estava mó calor... fui andando sem camisa e com os papelão embaixo do braço, quando a gente chegou em uma esquina, a polícia meio que estava passando pela gente, (de carro) eles passaram olhando, estavam indo pro outro lado mas chegaram a voltar né... Aí eles voltaram, já chegaram abordando...perguntando o que eu tinha no bolso e tal... eu falei que eu tinha um *beck* no bolso. Foi aí que eles pegaram e vieram me abordar, eu perguntei o “motivo” da abordagem, quando eu perguntei qual que era o motivo da abordagem...eles não sabiam o que responder na sequência já perguntou se eu que estava acusando ele (um dos policiais) de alguma coisa...eu rebati dizendo que não estava acusando ele de nada...mas se ele entendeu aquilo que eu perguntei pra ele é porque tem algum significado né...Foi aí que ele falou que ia me levar preso por desacato a autoridade se eu continuasse falando, que era pra eu calar a boca. Aí minha namorada já chamou ele de racista...ela disse: “Isso aí é racismo! você sabe muito bem que é racismo!” Quando ela falou isso...ele disse; “Vou levar vocês preso por desacato! Se vocês não ficarem quietos...” Aí nisso, passou uma pessoa na rua, falou: “Vocês estão precisando de ajuda? a gente tá vendo o que está acontecendo...” Aí essa menina que falou isso, ficou por ali, próxima... Continuamos questionando eles, do motivo da “abordagem” argumentei que havia várias pessoas brancas passando na rua e o motivo deles não abordarem as pessoas brancas... Aí ele disse: “você tá me chamando de racista! vou te prender!” Aí ele veio pra cima de mim e o outro policial, que falou que iria abordar a minha namorada...ela havia dito que queria uma policial mulher para abordar ela...que ela não iria deixar ele revistar ela, encostar nela...Quando ela falou isso...o cara empurrou ela contra a viatura! Aí eu fui pra cima dele!

Aí derrubei no chão, a farda dele rasgou, pô aí quando a farda dele rasgou...eles ficaram super atacados! Aí ele veio pra cima de mim, me bateu, me prendeu, jogou de cara no chão...aí começou a violência escancarada (física) [...] Nessa história de violência algemaram eu, algemaram a minha namorada, botaram a gente pra dentro da viatura, eu fui no banco de trás da viatura, o cara ficou me dando coronhada...me deu soco...Chegando na delegacia, a gente ficou em um banco esperando...foi agredidos dentro da delegacia tambémBom a gente acabou...que a minha namorada foi pro presídio, eu continuei na delegacia [...] Conseguimos contatos com algumas pessoas, pediu uma ligação e tal, entrou em contato, chamou um advogado, mas acabou que essa noite dormimos na cadeia. [...] [Júlio, 27 anos, estudante de Ed. Física]

Pode-se ler claramente um infortúnio maior em relação ao interlocutor Júlio do ocorrido com o interlocutor Davi, nota-se que Júlio nem foi pego em “flagrante” *fumando um*, ele inclusive, revelou que estava com um *beck* no bolso, é possível atribuir que Júlio teve um outro incômodo ao estar acompanhado de uma mulher branca, sua namorada, que foi quem acusou o policial de racismo, escalonando ainda mais a violência, isso ainda lhe conferia um outro percalço, o de “predador”:

Nesse sentido, Guerra às Drogas produz contornos criminalizáveis na experiência de masculinidades negras, em que se destaca a associação do uso de drogas perseguidas ao homem negro como fator de ameaça sexual à feminilidade, principalmente de mulheres brancas, e também emerge como ameaça à autoridade branca, como sua antítese viril. (MEINHARDT, 2020, p.55)

Esse acontecimento, ainda despreendeu custos a Júlio e sua namorada, ele ainda relatou que: "A gente além de ficar preso uma noite lá, como a gente foi preso em “flagrante” poh eles (policiais) atribuíram várias coisas, além de desacato a autoridade e ‘resistência’ até que quebramos a viatura! tentando se desvencilhar deles na treta... e aí véi, tivemos que fazer uma vaquinha de R\$ 1.800,00 *conto* pra pagar o advogado pra sair no outro dia...se não, quem sabe a gente estava preso lá até hoje, que nem o mano lá no Rio de Janeiro²²... que foi preso com uma Qboa (cloro) e ficou 6 meses na cadeia...isso é um projeto, um projeto de encarceramento em massa...a gente levou um texto até na audiência pra apresentar pro juiz,

²² O caso de Rafael Braga ficou conhecido pois foi o único condenado em relação aos protestos de 2013 no Brasil, a razão da condenação foi por Rafael estar portando dois frascos plásticos de produtos de limpeza à base de álcool, culminando em acusações de porte ilegal de artefato incendiário.

falando sobre tudo isso...encarceramento em massa da população negra, mas todos da Vara (criminal) foram bem racistas nas falas deles”.

Com isso, se evidencia que a cidade de Florianópolis é representada por muitos usuários como sendo tolerável ao uso de substâncias ilícitas, como a maconha, que se estrutura a partir de “um sistema baseado na ideia de interação entre desiguais e não diferentes, ou seja, todos se encontram juntos, mas separados e, sobretudo, hierarquizados” (VERISSIMO, 2017, p. 239, 240 Apud OBERLING, 2011, p. 88) Se busca evidenciar essa disparidade entre usuários brancos e negros quando circulam pelos “espaços de não-direito” (idem) para alguns, para além de uma representação em deterioração em termos de Goffman, de sua própria identidade. O que este capítulo pretendeu demonstrar é pensar sobre quem recai o peso do proibicionismo, não há como se discutir drogas sem discutirmos racismo. Carl Hart aponta de forma clara:

O ideal seria que nós, como sociedade, estendêssemos esse privilégio dos brancos para todos os cidadãos. Infelizmente, a coisa não funciona dessa maneira, sobretudo quando se trata da aplicação das leis de combate às drogas. Com efeito, os privilégios concedidos a alguns são adquiridos à custa de outros. Esse fenômeno pode ser visto como o inverso do privilégio dos brancos- discriminação racial ou racismo. Ao usar esses termos aqui me refiro a uma ação que resulta em tratamento desproporcionalmente injusto ou abusivo de pessoas de um grupo racial específico. (CARL HART, 2021, p. 44.)

Neste capítulo buscou-se evidenciar os contrastes entre usuários no que tange a estigmatização e sanção, tomando como relevância o território e sua possível tolerância ao uso de maconha. No próximo capítulo vamos propor a pensar na relação usuário-substância e seus desdobramentos entre o vínculo e vício de fumar maconha.

3. VÍCIO E VÍNCULO COM A MACONHA

No livro “ O alimento dos Deuses” (MCKENNA, 1995) o autor se propõe a pensar na evolução humana ao mesmo passo que busca integrar a ideia de expansão da consciência, ele entende que o uso de substâncias é um catalisador desse fenômeno humano. Foi com a expansão da consciência que nós, como humanidade, criamos cultura, linguagem e subjetividades. Ele traça uma interessante abordagem entre os usos ritualísticos das plantas e suas utilizações como droga. De maneira que chama atenção para a maconha, como sendo a espécie que mais teve participação contínua na espécie humana.

Vale observar que o nosso vínculo com a maconha advém de muitos anos, mais precisamente há cerca de 2.500²³ anos que manejamos a maconha com propósitos psicoativos, segundo um recente estudo publicado na revista *Science Advances*. O artigo evidencia que as pessoas já estavam domesticando (VERÍSSIMO, 2017) a planta com a finalidade de maior aproveitamento de seus efeitos psicoativos há mais de dois mil anos, visto que foram encontrados níveis altos de THC nas sepulturas do cemitério de Jirzankal, no oeste da China.

Nessa esteira, Domiciano Siqueira (2016) manifesta que existem três discursos morais que explicitam a objetificação da pessoa que faz uso de drogas. A primeira é o discurso religioso, que considera os usuários como pecadores; a segunda é o cunho do Judiciário que considera o usuário um criminoso e por fim o discurso biomédico que considera os sujeitos usuários como doentes. O que ele pretende explicitar é que o campo psicossocial se utiliza da conotação de “doente” quase com um propósito de “benevolência” aos usuários, maquiando questões discriminatórias e moralistas do que dispõe os discursos aos usuários de drogas como os de “pecador” e/ou “criminoso”. Pois ao utilizar-se do termo “doente” para designar os casos problemáticos de uso de drogas em geral está se substituindo a leitura moralista por outra, logo o “viciado” ou “drogado” passa por uma interpretação de “normalidade” aos sujeitos desviantes (BECKER, op. cit)

Os conhecimentos biomédicos são usualmente soberanos para tratar do tema do uso de drogas, sobretudo quando o assunto é *vício* em tóxicos. Em contrapartida o que se percebe é um descompasso com a realidade, pois há muitas “evidências” científicas que são baseadas em premissas higienizadoras e ou/moralizantes que se observarmos com rigor, muitos estudos não levam em consideração variáveis elementares como: contexto de vida, ambiente, motivação ao uso de substâncias e subjetividades. Se restringindo somente aos efeitos neuroquímicos em suas análises ao fenômeno de uso e/ou intoxicação com drogas, muitas vezes carregados de pressupostos de hierarquização social e racial, tornando-os incondicionalmente enviesados.

Boa parte do que se apresenta a nós através da mídia massiva sobre as drogas, são os casos problemáticos e abusivos até mesmo a relação direta com a marginalidade, preceito esse que é rompido e desmistificado pelo neurocientista estadunidense Carl Hart em outro livro²⁴. O mesmo autor, levanta provocações em torno das questões das drogas, a pergunta não deveria se voltar a pensar “por que as pessoas usam drogas?” e sim “porque elas não usam?”

²³ <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.aaw1391> acesso em 23/10/2022

²⁴ Hart, Carl: Um Preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar 2014.

Partindo da priori que o uso de drogas ou a busca pela alteração da psique é algo inerente ao ser humano e outros animais. Obviamente que o uso de drogas na contemporaneidade, principalmente no Brasil, ainda se atrela ao tráfico de drogas, violência generalizada e questões de segurança pública, entretanto quem sofre com os estilhaços dessa chamada “Guerra” são as populações periféricas e marginalizadas. Segundo Antônio Carlos Ribeiro Junior:

Observa-se seletividade não apenas na criminalização das substâncias, mas também na aplicação da lei. A discricionariedade existente na atual legislação sobre drogas em vigência no Brasil é um dispositivo que possibilita a prática de racismo e a gestão da vida e da morte da juventude negra e periférica – principal vítima da atual política sobre drogas. Desde sua origem ao atual estágio da criminalização das drogas, pode-se observar a concretização do racismo como fundamento e objetivo não revelado das práticas proibicionistas. (RIBEIRO JUNIOR, 2016, p.596)

O trecho descrito acima exemplifica bem a ambivalência frente à questão. Assim sendo é necessário desfazer-se de como fomos treinados a pensar sobre as drogas. Nesse capítulo pretendo expressar através das falas de interlocutores como eles vivenciam, pensam e sentem ou até mesmo nunca refletiram sobre seus usos e a disparidade interpretativa social de como a maconha interage com os sujeitos. Como traduz Edward MacRae e Júlio Assis Simões:

Não se pretende aqui, desenhar um perfil quantitativo do usuário de maconha, mas sim, inspirado nos métodos de observação participante, desenvolvidos pela Antropologia realizar uma descrição de como consumidores regulares de maconha vivenciam sua relação com a substância, procurando assim, iluminar os significados culturais associados a esse tipo de comportamento (MACRAE, SIMÕES, 2004, p. 37)

Da mesma forma que as drogas podem ser entendidas como problemáticas e aterrorizantes, elas também podem ser companheiras e passíveis de criar conexões com seus usuários. Há quem entenda o uso da maconha como um vício ou um mau hábito e há também quem a entenda como um vínculo positivo ao qual se crie laços seguros e benéficos. Este capítulo se destina aos encontros com a maconha, inspirado no artigo²⁵ Paixões e Químicas de Sandra Djambolakdjian Torossian. Segundo Nery Filho (2012), não são as drogas que fazem os humanos, são os humanos que fazem as drogas, tenho que concordar com ele. Creio que

²⁵ Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159744/001023963.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
acesso em 15/07/2022

ambos artigos dialogam pois fazem alusão com o que esse se pretende manifestar nesse capítulo .

Tornamos as substâncias nossas “amigas” muitas vezes até companheiras de vida para os momentos de celebração até os de desesperança, para muitos sujeitos não se continuou fumando maconha depois de sua primeira experiência com a droga, não construíram sua carreira como maconheiros (BECKER, op. cit) para outros desde as primeiras vivências com a maconha, sentiu que era a “sua droga”, sua possível companheira para encarar as mazelas e os gozos da vida. Não se pode cair no engano de hierarquizar substâncias como melhores ou piores, assim como não se deve hierarquizar usuários, pois se admitirmos que cada humano consumirá essa ou aquela droga, na medida de suas necessidades subjetivas e sociais (NERY FILHO, 2012) seria um bom indício da promoção de uma discussão mais realista sobre os usos abusivos desencadeiam efeitos indesejados, vale esclarecer que ao pensar em “dependência²⁶” ao contrário de drogas como álcool, cocaína e heroína, o uso crônico da maconha não causa dependência fisiológica (física), embora possa causar dependência psicológica. (MALCHER-LOPES, RIBEIRO, 2007). Porém, um usuário de maconha, pode ser usuário também de cocaína, eventualmente (ou não), beber cerveja com seus colegas após um dia de trabalho, usar lisérgicos para determinados eventos ou festas. Como expressa Sandra Djambolakdijian Torossian:

Há vários modos de se ligar passionalmente ao outro. Há o ficar eventual, o ficar habitual e o ficar mais constante. Há, também, vários modos de se ligar às drogas. A experimentação eventual é um início de exploração que pode durar uma vida inteira. Como há quem se relacione eventualmente com a mesma pessoa durante anos. O hábito nas relações é, por outro lado, um tipo de relação comumente encontrada no amor e em quem consome drogas. Hábito para momentos ou circunstâncias específicas, de lazer, trabalho, ansiedade, solidão. “Ficar” habitualmente com alguém em festas; consumir drogas para aproveitar a balada. Sair com alguém nos momentos de solidão; usar alguma substância que faça companhia. Sair rapidamente com o(a) colega de trabalho; dar uma “cheiradinha” para enfrentar uma árdua jornada. Compartilhar com alguém um casamento; casar com alguma droga. (TOROSSIAN, p. 370, [2013] 2017)

A maconha, assim como outras drogas passam por uma espécie de metamorfose (não a metamorfose como mercadoria) no sentido de administração de efeitos, razões, motivação ao se usar uma substância ou como ela se vincula a vida do sujeito, a interlocutora Tati, ao que me parece atribuí atualmente um dos seus usos a qualidade de seu sono.

²⁶ O próprio termo dependência vem sendo questionado e caindo em desuso. Isso porque a noção de "dependência química" implica em uma unilateralidade: a droga como causadora de dependência. Essa concepção não dá conta do fenômeno do problema que é o abuso de substâncias, pois incide em uma leitura medicalizante, acaba por evidenciar aspectos estritamente biologizantes e farmacológicos, situada numa dimensão individual. (SIQUEIRA, 2016)

[...] Quando comecei a fumar um, parecia que era mais pela sensação no corpo, o “peso” que parecia dominar o corpo e ao mesmo tempo uma leveza, a vida parecia passar em slow motion a larica que batia depois... Sei lá, hoje me parece que é mais um sentimento de cumplicidade pra várias situações, adversas ou corriqueiras [...] Se parar pra pensar, a maconha me acompanha em quase todas as fases da vida, desde as alegres até as *bads*, já aconteceu de ela (maconha) me causar uma certa ansiedade... Não exatamente que foi “A maconha”... acho que ela só transporta como esta nosso estado de espírito por dentro... Mas hoje em dia é complicado dormir sem fumar um viu?! [Tati, 29 anos]

A respeito dos vínculos que são formados através da maconha, esses não são formados somente em função disso, porém quero com isso argumentar a pensar nas coisas em relação e agência dos atores não-humanos como propõe a teoria Ator-rede. A maconha se coloca como mediadora muitas vezes nas relações estabelecidas. Por vezes está distante de ser momentos de prazer e calma, por vezes a maconha pode ajudar em momentos adversos como uma conversa difícil entre duas ou mais pessoas. Servindo como uma espécie de mediadora, geralmente oportunizando um momento de escuta mais generosa e empática. Sobre laços que se criam ou se efetivam tendo a maconha como parte das interações sociais, narro um evento a seguir.

Prova do Enade: era dia 14 de novembro de 2021, depois de uma semana de muita chuva em Florianópolis, a prova do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes cai no Domingo mais quente da semana e ensolarado, aquele dia que todos desejavam estar na praia e esse é um lamento geral de colegas de curso e amigos que se encontravam no pátio da UFSC. “*Olha esse dia!!!*” Todos diziam, porém ao que parece era uma encenação de descontentamento pois ao mesmo tempo sentia que todos estavam felizes de reencontrar amigos e colegas depois de quase dois anos sem pisar na Universidade por conta da covid-19. O burburinho era de resolver qual bar nas proximidades que tomaríamos uma cerveja depois da prova do Enade. Pós-prova e aos poucos os amigos surgiam com comentários múltiplos sobre a prova, em geral de que os conteúdos foram bem abordados e mesmo sem lembrar com precisão de todos, podia se considerar que sabíamos o mínimo ou esperado das teorias e conceitos mobilizados. Esperando os demais colegas saírem do prédio do CTC, dois amigos fizeram uma transação de um pacote, na maior tranquilidade, me “liguei” que era de maconha, nem esperaram para chegar no bar ou sair das dependências da UFSC, era domingo, sem o

movimento recorrente do campus. Já sentados no Container, um dos bares da Carvoeira, bairro em torno da universidade, o procedimento para fumar um era de locomover-se até a pracinha em frente ao bar, do outro lado da rua, mesmo que seja um bairro também jovem, com muitos universitários, diferente do pedaço do sul da ilha, não é próprio se fumar sentados na mesa do bar, mesmo que esse esteja na calçada. A nostalgia do início da faculdade e da frequência que nos encontrávamos na pracinha pra queimar um, era evidente. Porém, um dos amigos alerta que deveríamos ter cuidado, pois estava rolando uma história de um policial militar que mora no bairro ter complicado com o pessoal que frequentava o espaço para fumar maconha. O aviso dado em nada pareceu alterar a tranquilidade da prática. Entre os amigos, inclusive, se iniciou uma conversa de como estava “vindo os corres” (se referindo a aparência, preço, cheiro...) dos últimos tempos. Pois como já é sabido entre moradores de Florianópolis e usuários de maconha, se aproximando o verão, rola a famosa “seca”, onde a demanda aumenta por conta dos turistas e a qualidade cai, ou simplesmente não há disponibilidade da mercadoria, em seguida, a conversa se mobilizou a “se mexer” e agilizar algum “corre” coletivo, a fim de não passar sufoco no verão.

Esse grupo de pessoas, que antes de tudo eram colegas, possam ter estreitado seus laços de afinidade, compartilhando dessa vivência que tange a maconha, pode-se atribuir a maconha como fio condutor das redes de confiança estabelecida. Sobre a época de “seca”, dito no final do relato, por vezes se criam planejamentos para enfrentá-la, como por exemplo adquirir uma quantidade maior de maconha, com objetivo de baratear seu custo. Muitas vezes é nessas ocasiões que alguns usuários se tornam fornecedores, seja eventualmente ou em situações transitórias. No próximo capítulo trataremos com mais tenacidade.

O trabalho não se debruça a problematizar a maconha em seus discursos medicalizantes, porém, um dos interlocutores mesmo que faça tratamento de um câncer muito severo, utiliza-se da maconha não na modalidade de “paciente” como é denominado usuários de “maconha medicinal”, nomenclatura essa que muitas vezes não colabora para um rompimento do status estigmatizante de usuários, ao contrário, pode reforçar entendimentos binários do uso da droga (uso legítimo *versus* uso ilegítimo). O interlocutor Omar se muda para Florianópolis, no bairro Campeche, para ficar segundo ele, “perto do mar” e sair do caos de grandes e tumultuados centros urbanos. A maconha se coloca então como auxiliadora em vários diagnósticos médicos, interagindo de forma positiva com outras medicações. No relato se percebe que o usuário não somente alivia sintomas do tratamento contra o câncer mas

segundo o próprio, se dignifica a existência humana, não reduzindo o sujeito apenas a um estigma de “doente”:

[...] Eu comecei a quimioterapia, a primeira coisa que falaram, coisas muito bobas, como: que eu ia ficar um pouco enjoado, iria ter problemas digestivos...que a pele ia secar e eu não poderia tomar sol, pensei comigo "tranquilo né cara..." depois de tanta coisa que eu já passei. Aí veio a segunda notícia, a médica veio e falou: você tem que começar a tomar antidepressivos já agora, porque quando tu começar a quimio a tua produção de serotonina vai ir a zero. Argumentou que o meu cérebro iria parar de produzir serotonina, ou seja, você entra em uma depressão extremamente profunda. Mas é extrema, extrema, uma coisa enlouecedora assim... Aí eu comecei a tomar sertralina (medicação) mas é uma coisa muito pouca...é como dar uma gota de água na boca de alguém que está a dois dias sem tomar água. É um grão de areia no deserto, não serve pra porra nenhuma. E aí tive vários problemas psicológicos assim, de delírio de perseguição eu vomitava e não conseguia explicar porque [...] Tu vai vomitar sem parar... Aí, uma das coisas que começou a me ajudar foi o uso da morfina, só que a morfina tem vários efeitos colaterais, ela tranca o intestino, o efeito dela é muito rápido, você toma, dura uma hora e meia o auge dele né? (efeito da medicação) [...] Aí a maconha entrou nisso, porque a morfina não fazia mais efeito, aí um psiquiatra até receitou pra mim o canabidiol, só que eu fui procurar na farmácia com a receita e custava, a mais barata que achei, custava R\$1.500,00 reais!! Daí não né mano, não vou pagar R\$1.500,00 reais!! Com mil e quinhentos eu compro um tijolo de maconha! Saca?! Aí eu resolvi fazer eu mesmo! (comestíveis de maconha, não o óleo de CBD) Na verdade eu mostrei um vídeo pra minha irmã e mãe do canal UmDois de como fazer manteiga de maconha, aí eu mostrei pra elas... Eu passei a usar os dois: eu comia maconha e injetava morfina, que foi aí que eu achei a fórmula certa! Era maconha e injetar morfina...mas eu fiquei assim óh, doidaço! Mas tirava toda a dor, todo enjojo...aí eu comecei a conseguir dormir! Mas eu só conseguia achar esse equilíbrio, tentando...Mas é isso, o óleo de maconha (óleo de coco com maconha) me fez, ajudar a passar por esse momento [...] já cheguei a misturar vários tramadol, dipirona, morfina tudo numa seringa só e me aplica e ainda usava maconha, a maconha sempre era a coisa pra selar a coisa sabe?! era o que finalizava... que dava o bem-estar, bem estar corporal e mental, entendeu?! por exemplo, a morfina tira a dor te deixa um pouco feliz (se for uma dose alta) se tu usar uma dose muito baixa ela só tira a dor...mas uma liberação boa de serotonina eu conseguia com a maconha e dava o efeito de relaxamento muscular bom, do corpo... Todo mundo associa muito ao uso como para ajudar nos enjoos,

mas não, ela ajuda em todos os aspectos psicológicos, te ajuda a comer, entendeu? Bem, por isso eu acho que consegui passar bem pela fase, usei (maconha) muito tempo depois também como anti-depressivo, pra me ajudar a dar uma viajada mesmo...uma desconectada do mundo assim, “real” que tava muito pesado pra eu aguentar... eu cheguei a comprar flor mas é muito mais cara, então boa parte (comestível de maconha) foi feito com o prensado mesmo, minha mãe lavava ele, saia uma água marrom...já existem uns clubes, eu cheguei a ver na internet depois...só que tu entra numa lista de espera...paga uma nota, acho que é no nordeste esse clube eles fazem a separação de variedades: essa (maconha) vai dar sono...essa vai te dar uma energia, essa vai tirar os sintomas de enjoo e LIMPA né! Ah é!

Um aspecto importante a ressaltar na declaração de Omar é que, ele havia conseguido uma receita de óleo de CBD legalmente, todavia o remédio na farmácia custava um valor ao qual o próprio por ter experiências de valores do varejo de maconha, acreditava ser exorbitante. Como ele mencionou, existem já no Brasil clubes, associações e Ongs que ajudam quem necessita do óleo de maconha para fins medicamentosos, porém com a alta demanda se torna inviável atender a todos conforme a necessidade e sobretudo a pressa em aliviar as mazelas ocasionadas por enfermidades, continua:

[...] De umas loucuras mais doidas que tinha, isso pra quem já usou drogas ilícitas né cara... que o efeito da quimioterapia, bom, eles não sabem, quem nunca usou um LSD é como se tivesse tendo uma bad trip, eu sempre tive boas viagens com LSD mas já tive inícios de bad trip e aí eu me concentrava em outra coisa, saía respirava e passava...mas a quimioterapia é como se fosse uma bad trip porque tu não consegue controlar...só vem pensamentos horríveis, pesadelos horríveis e não é psicológico porque você tá com câncer...é real eu ficava com mania de perseguição, eu achava que a polícia ia entrar a qualquer momento no meu quarto, umas coisa muito fora do eixo assim...saca?! e não ficava com medo da morte mas eu fechava os olhos e via demônios e perdia a noção de tempo...bem de como a gente toma LSD né...passou 5 minutos parece que você viveu 1 ano...eu tinha essa sensação de sofrimento, eu pensava: “resisti a essa noite!” aí eu olhava no relógio tinha passado 1 hora...a maconha nessa hora me ajudava a voltar, por mais que ela seja alucinógena, ela na verdade me ajudava a voltar ao “normal” ela me ajudava a voltar ao mundo real...lembro que isso me ajudou a sair da loucura [...] [Omar, 40 anos]

Os usos de drogas, sobretudo do vínculo de alguém com determinada substância, essa relação não é imediata e direta, ela passa por processos de mediação com diversas outras variáveis como: questões sociais, afetivas, subjetivas do indivíduo. Por essa razão os vínculos de cada sujeito para com qual substância que seja é singular e mediada por outros agentes.

[...] Pensando no uso recreativo e medicinal, pra mim não é uma simples planta... A mim é uma coisa medicinal mesmo... Quando eu tô, nos momentos que eu estou em processos depressivos, de pensamentos negativos, fazer uso dessa planta, de modo recreativo ou não daí...depende da forma como você vê! Mas a mim me ajuda muito! Me ajuda, porque eu consigo ver de outras forma, ter um olhar diferenciado sobre a situação, me parece que eu consigo me observar de uma forma diferente, interpretar as situações de uma forma diferente, porque querendo ou não, a gente faz esses tipos de interpretações, é inerente ao ser humano, querer entender as coisas que nos passam... Então essa erva, planta... ela me ajuda muito nesse sentido e sem contar que eu acho que o uso recreativo também é medicinal! Porque a gente pode ser feliz, a gente pode...eu não vejo nada de errado em nos podermos fazer uso disso pra se sentir melhor, pra se sentir feliz, alegre...para simplesmente se sentir chapado, entendeu?! Ou pra ficar de boas...relaxar a mente! Relaxar o corpo! Eu como empresária hoje, a forma como eu vivo a minha vida hoje, ela (maconha) me parece uma boa ferramenta pra eu desenvolver as minhas coisas pra eu realmente me conectar comigo mesma, pra eu me conhecer mais, ela é uma ferramenta tanto para eu poder usar de forma recreativa me sentir feliz, alegre tudo mais...quanto pra levantar meu astral...Claro que isso é muito de cada um...né?! Mas pra mim, definitivamente me ajuda muito!

De maneira contrária ao interlocutor Vitor em que alegava que a maconha “prejudicava” suas atividades e relações sociais, já para a interlocutora Giovana fala que a maconha é uma “ferramenta” para desenvolver a si e suas atividades. Por essa razão, como já mencionado, se torna muito arriscado e impreciso mapear os efeitos da maconha nos indivíduos, é uma equação que deve ser pautada no conhecimento próprio e autonomia de decisão, continua:

[...] E a gente querendo ou não...nós como mulheres, brancas, numa sociedade, da forma como a gente vive... a gente tem alguns privilégios...Por exemplo, na própria Ilha...na Ilha aqui de santa Catarina, Florianópolis...a gente tem uma relevância muito grande, me parece, que a maior parte da população é usuária! Assim... vendo em relação ao meu grupo

de amigos e as pessoas as quais eu convivo, conheço assim... em boa parte são usuários ou pelo menos já experimentaram ou sabem dos benefícios, né?! E logicamente, por a gente viver essa parcela da sociedade que tem esses benefícios, nós conseguimos fazer o uso dessa planta e...sem ter uma cobrança da sociedade, logicamente eu acho um absurdo como a polícia trata, como as políticas públicas são feitas relacionada aos povos pretos ou as pessoas de baixa renda ou mesmo emergentes na nossa sociedade que estão às margens, no caso, principalmente o povo preto, povo negro... que sofrem muito com isso! Com a discriminação com racismo e tudo mais..então as vezes vincula-se isso ao uso! Então, legal mesmo a gente fazer essa reflexão sobre isso..porque o povo branco, claro tá tudo bem (usar maconha) porque os pretos não né?! Isso é uma coisa importante de se fazer... Então, cada vez mais eu acho que a gente está seguindo um rumo assim de valorizar outras coisas...valorizar coisas diferentes, a gente sabe os benefícios das coisas, inclusive o uso medicinal dela tá sendo descoberto muito agora...isso é uma coisa muito importante pra ciência e pras pessoas que precisam fazer o uso disso [...]

Ao que parece, a interlocutora tem consciência de seu privilégio como usuária branca, entende que as políticas públicas não são pensadas em melhoras no que tange a questão das drogas e comenta sobre o amparo que a maconha possa dar a pessoas que necessitam dela como medicamento, acredito que esse é um discurso muito comum, o da “*cannabis medicinal*” como dispositivo para justificar usuários adultos em suas escolhas.

[...] Bom, eu como usuária, eu como uma pessoa que gosto muito dos efeitos que ela causa em mim... eu prefiro, na verdade eu sempre opto por comprar elas, as flores ou mesmo os óleos ou as resinas dessa planta...pra usar, me parece que tem um controle maior...você sabe o que você tá comprando, normalmente são pessoas que plantam já...eu tenho vários amigos que tem plantações em casa também, eu também tive plantação em casa...então eu acho bem importante a gente trabalhar políticas públicas responsáveis sobre isso pra gente poder é...Legalizar isso! É uma planta, sabe? É como qualquer outra... entende?! Eu como usuária sempre opto por utilizar as coisas mais naturais possíveis...Então por exemplo, eu não consigo consumir uma maconha prensada porque eu tenho, é... não me cai bem...eu tenho alguns efeitos que não me caem muito bem, eu não sei porque...tem uma energia envolvida e eu sou muito sensível ou se é porque tem uma outra coisa ali no meio que dá efeitos diferentes e tudo mais... ou mesmo por ela (maconha) ser mais forte.... eu como usuária prefiro o mais natural possível, a via que eu consiga saber de onde vem, a flor que eu compro

que eu sei a procedencia dela, pelas mãos de quem passou que energia que girou em torno daquilo, pra mim influência muito! Acho que em tudo, desde a nossa alimentação, nosso dia-a-dia até mesmo esse tipo de coisa...o álcool que a gente usa...Falando bem a real mesmo eu acho que é uma hipocrisia da nossa sociedade criminalizar o uso dessa substância, dessa planta que é comprovado cientificamente que faz muito menos mal do que qualquer outro tipo de droga ilícita ou lícita ...como álcool e cigarro que são legalizados. A gente tem que repensar tudo isso, a sociedade precisa repensar e rever tudo isso...porque cara, é importantíssimo a gente legalizar pra acabar com boa parte da violência, boa parte do tráfico, uso de armas é...tudo envolve uma gama muito grande de coisas em volta disso...então é imprescindível que essa discussão venha pra sociedade, pra gente discutir políticas públicas e formas de avisar, de instruir a população para um uso mais consciente, pras intenções que se quer usar e tudo mais [...] [Giovana, 34 anos, turismóloga e empresária]

Um dos argumentos de Giovana e tantos outros usuários de que a maconha é “só uma planta”, “é natural” ainda é recorrente. Entretanto, tal afirmação implica em uma conotação de que se é “natural” são inexistentes os riscos aos sujeitos. Contudo, plantas naturais podem também ser tóxicas se mal administradas ou usufruídas abusivamente. Da mesma forma, segundo Giovana a maconha prensada teria uma conotação ascética negativa, a interlocutora menciona sua preferência pelas flores, resinas e óleos, derivados esses que geralmente acarretam em desembolsos maiores para obtenção. Para isso, a interlocutora diz favorecer a compra de “via que eu consiga saber de onde venha”, contatos próximos e amigos que plantam. No próximo capítulo vamos tratar dos diferentes fornecedores de maconha que são elementares no itinerário da droga aos usuários. Espero que esse capítulo tenha ajudado a desmistificar o equívoco (ou ignorância) de que o uso de qualquer substância ilícita corresponda a um vício (CARL HART, 2021). Além disso, os usuários atribuem diferentes justificativas e formas de usar maconha.

4. FORNECEDORES, *dealers* ou Quem faz “o corre” com Cléber, Vini e Samuel

“Os Supridores”²⁷ é um romance do escritor José Falero, no qual se tem como protagonistas dois jovens suburbanos que trabalham em uma rede de supermercados. Exaustos de não ganharem o suficiente para uma vida digna, resolvem vender maconha como

²⁷ Agradeço ao professor Antonio Alberto Brunetta pela indicação do livro, em uma das aulas de Metodologia do Ensino de Ciências Sociais do segundo semestre do ano de 2022.

estratégia para melhorarem seu patamar de existência. A narrativa vai do humor ácido das situações em que os jovens vivenciam no cotidiano até a crítica social para com a desumanização dos trabalhos considerados subalternos.

A narrativa do livro converge com a questão do estigma (GOFFMAN, 1982) e a deterioração da identidade do indivíduo. A mídia, o cinema, geralmente retratam os traficantes de drogas como abastados, que vivem uma vida luxuosa e cheia de benesses, tramitando com policiais e políticos sua custódia para preservação dos negócios altamente lucrativos. Em parte a ficção sobre (alguns) traficantes não está sendo totalmente desonesta, porém os interlocutores-fornecedores desta pesquisa estão longe desse cenário. São como no romance de José Falero, abastecedores de um supermercado, com outros trabalhos e atividades, mas também abastecedores de maconha de diversos usuários. Transcrevo a fala de Pedro, um dos protagonistas do enredo de *Os Supridores*:

Quando eu vejo esse tipo de coisa na TV, eu sempre me pergunto: por que diabos os idiota não *pararo* antes? Eu não vou cometer o mesmo erro, sabe? Pra início de conversa, eu nunca quis ser um traficante. Querer uma coisa dessas é até estranho, se tu parar pra pensar. Quem é que vai querer correr o risco de ser preso e passar um tempão lá dentro do presídio? Isso sem falar que o que mais tem é porco ruim: te espanca até não querer mais , antes de te levar preso. Ou até te mata, se não tiver ninguém olhando. Mas te mata assim, na crocodilagem mesmo: te pega de bobeira, dormindo em casa, te manda pro inferno e depois diz que tu reagiu a prisão: é a palavra de um homem da lei contra palavra nenhuma [...] Aí eu te pergunto: quem é que quer uma vida dessa? Quem é que quer desafiar o perigo desse jeito? Não, mano, eu nunca quis ser um traficante. Mas eu também não queria o que tavam me enfiando goela abaixo: a vida fodida que eu tinha. (*Os Supridores*, JOSÉ FALERO, 2020, p. 178)

Todo usuário de maconha regular tende a precisar de um “contato” ou melhor, um bom contato, que seria o indivíduo que fornece maconha por meio de uma transação comercial. Percebe-se que geralmente essas transações com os “contatos” tendem a ser mais pessoais, pois geralmente os próprios fornecedores também são usuários de maconha, assim sendo, mobilizam um mesmo vocabulário, códigos, como elucidada Policarpo:

“Contatos” e consumidores, portanto, podem trocar de papéis. Os “contatos” também usam drogas e os consumidores também “passam”. Esse fluxo constante impossibilita qualquer tipo de classificação rigorosa entre um e outro, como pretende a Lei de Drogas. De um lado, os “usuários”, de outro, os “traficantes”. Entre os participantes dos mercados de drogas, essas categorias não são muito utilizadas. (POLICARPO, 2010, p.157)

Neste capítulo, me empenho em descrever como ocorrem essas transações entre os fornecedores, quem faz “o corre”, o arsenal que cada um dispõe e as ofertas do mercado

ilícito desses fornecedores em Florianópolis, bem como as ferramentas que se constroem nas relações de produção e circulação da maconha em termos econômicos de mercado.

Sobretudo, demonstrar outras aspirações que integram o cotidiano e vida dos sujeitos fornecedores ou maconheiros que também são fornecedores. No trecho que segue, está em concordância com o que se pretende:

[...] algo que contraria imagens muito difundidas na opinião corrente sobre o que é ser um maconheiro: o consumidor de maconha não faz só isso da vida. Logo, esta identidade reinventada não exclui outras esferas de pertencimento identitário com as quais se relacionam o tempo todo, de nível familiar, social, econômico, profissional etc...” (VERÍSSIMO, 2017, p. 322)

Assim sendo, início contando como conheci cada um deles, dentro das possibilidades e acordos que foram pré-estabelecidos com os próprios, um dos meus interlocutores que é também fornecedor me solicitou restringir informações que ligassem sua atividade ilícita e informações de sua vida pessoal, logo algumas caracterizações serão abstratas em prol dos acordos estabelecidos.

Samuel é um jovem rapaz, muito alegre e solícito. Desde que o conheço, nunca o vi cabisbaixo. Ele sempre se referia a função de fornecedor como uma “missão” acarretando uma espécie de responsabilidade e promoção de bem estar aos sujeitos que o procuravam em busca de maconha. Assim como uma interlocutora atribui uma certa esfera de “energia” em torno da maconha, ao que me parece Samuel também atribui a maconha à ordem do sagrado.

A relação que se estabeleceu com ele é de confiança e estima. Então, inúmeras vezes quando Samuel vinha até a casa em que morávamos (eu, uma amiga e um amigo) para fazer alguma entrega, geralmente tomava um cafezinho, conversava. Samuel antes de começar a ser um fornecedor de maconha com mais afinco ele exercia outro ofício que por conta da pandemia ocasionada pela covid-19 necessitou ser pausada. Samuel preferia se vestir de forma elegante, como por exemplo, ternos e blazers, segundo o próprio isso acarretava um ar mais sério e servia de certa forma também como um escudo para não levantar suspeitas. O zelo e organização com as entregas era percebido, por exemplo, todas as vezes sempre havia uma seda de cortesia nas embalagens dos clientes, demonstrando um apreço pelos mesmos e uma maneira de fidelizá-los com mimos.

Já meu interlocutor Cléber é um cara mais “coroa”²⁸, presumo que já tenha passado dos 40. Tem toda uma pinta de malaco²⁹, fala muito rápido, um modo bem típico dos nativos da Ilha, a ponto que muitas vezes despende um esforço e atenção para acompanhar suas locuções. É bonita a história de como conheci Cléber. Foi há cerca de dois anos e meio atrás, outono de 2021, na praia do Novo Campeche, em um entardecer que prometia uma das “Super Luas” dos últimos tempos ou que só aconteceria novamente sabe-se lá quando... Saí do trabalho e coleí na praia para poder visualizar seu nascer. Nisso, aparece um homem pedindo seda... na época eu não estava fumando maconha, estava dando um tempo, pois acreditava que estava acarretando em crises de ansiedade/pânico ou tornando-as mais agudas. Falei que, infelizmente, não tinha seda...mas, que até abrisse um desejo de fumar, na expectativa de vislumbrar a tal Super Lua... Ele foi muito simpático e me convidou pra “chegar junto” da fogueira improvisada que assava uma tainha, era época de tainha... O outro rapaz que estava junto, foi então comprar uma seda... lembro que nesse mesmo dia Cléber nas entrelinhas se fez entender que “passava” um *verde* (como se designa também maconha) desde então tornamos amigos e contei sobre a pesquisa e ele se propôs a cooperar e a propósito, a lua estava mesmo magnífica nesta noite.

Vini, eu conheci através do que chamamos de “teias” ou rede de contatos. Foi em meados de 2019 para 2020. Um amigo forneceu seu contato. Vale ressaltar que dentro dessa rede de empatia quanto a fornecer um contato é repleta de cuidados e etiquetas. Vini tem uma corporalidade contida, humor equilibrado, não me parece ser muito alegre nem muito triste, ele trabalhava com algo relacionado a locação e venda de carros na época, em nossas últimas conversas me contou que estava fazendo um curso técnico em transações imobiliárias. Vini é dos contatos que somente dispõe das “cremas” como buds e haxixe. Certa vez, pedi umas flores para um amigo com Vini, sem ganhar absolutamente nada com isso, apenas a solidariedade de fazer a intermediação entre um usuário que não tinha contato com um fornecedor das “especiarias”, por assim dizer. Quando dei as flores para meu amigo, o mesmo alegou que estava faltando em torno de 0,8g da quantidade combinada, retratei com Vini o ocorrido e ele imediatamente estornou o valor, demonstrando uma ética que ocorre no varejo de maconha mesmo passando pelos trilhos da ilicitude.

A seguir, transcrevo momentos com os interlocutores deste trabalho:

²⁸ Coroa é um termo jocoso para se referir a alguém geracionalmente mais velho

²⁹ Malaco aqui se refere aquele que é conhecedor das regras subalternas, malandro.

Feriado na Ilha da Magia: Era dia 2 de novembro, encontrei Cléber na praia do Novo Campeche, feriado de finados. Nesse dia, Cléber trabalhava como garçom de alguma barraca da praia que vendia cerveja e caipirinha, me falou que eu “iria tomar a melhor caipira de maracujá da minha vida”, dizendo o que se comprovou mais tarde. Perguntei pra ele sobre alguma “liga” (maconha) gíria essa que poderia se destinar a qualquer coisa, porém pelas nossas trocas anteriores, Cléber entendeu do que se tratava. Ele estava com prensado e haxixe. Queria mais informações, da qualidade, valores... porém, não pudemos trocar muita ideia pois a praia estava cheia, eram os primeiros sinais de um verão intenso que estava por vir. Quando ele sugeriu então de encontrarmos-nos mais tarde, de eu voltar à praia em torno das 19 horas, quando o movimento já estivesse mais ameno. Eu até voltei, a tenda de drinks já se encontrava fechada, o céu já tinha passado do sublime e lindo momento que pinta tudo de cor de rosa, estávamos no lusco fusco se preparando para o cair da noite, percebi que não o encontraria mais naquele dia e fiquei sem *a liga*. No dia seguinte, 03/11/2021 tentei enviar-lhe mensagens de whatsapp, percebi que as mensagens anteriores também não haviam chegado conforme a verificação de envio...Percebi que Cléber mudou de telefone e, somente na espontânea coincidência de encontrar-lhe na rua (como ocorria às vezes) conseguiria vê-lo de novo.

Chegaram os produtos novos: Esse processo de meios digitais na contemporaneidade é algo reformador também para os fornecedores, pensei comigo. Isso porque Vini acabara de mandar uma mensagem via whatsapp, entrava em contato para anunciar as novas flores que haviam *chegado*. Eu nunca havia perguntado abertamente para Vini se ele cultivava ou também tinha um *contato* varejista, acreditava que poderia ser intransigente e creio que ele também não me contaria. Mas tinha como hipótese que ele obtinha de alguma fonte terceira, ou melhor, segunda e ele era o fio último dessa teia de distribuição, ainda mais por saber que ele exercia outro trabalho formal. Vini sempre dispunha de um cardápio variado de buds, entre Cinderella, Gorilla, Sour Diesel, OG Kush. A "braba" da vez, como ele chamava, era a Frisan Duck uma genética híbrida segundo Vini (ver em anexos) me disse que custava R\$60 a g. Respondi que quando rolasse um dinheiro extra me daria “de presente” uma sessão mais requintada mas que no momento meu salário de babá não contemplava esse nível de degustação (rimos). Nesse mesmo dia, 04/11/2021 uma amiga me disse que iria até Palhoça, município vizinho na região continental de Florianópolis, para buscar um “pretinho” que se designa a um haxixe paraguaio de menor qualidade, não são como os haxixes marroquinos ou paquistaneses (esses haxixes não utilizam solventes em sua forma de extração, também se

diferenciam entre si). Visto o cálculo de custo/benefício de R\$40,00 reais a grama, era mais sensato essa opção.

Essa equação de valor que usuários fazem em relação a sua compra no varejo do mercado ilegal, corresponde como qualquer outro nicho do mercado lícito. São levadas em consideração, várias questões próprias de cada usuário, como por exemplo, a frequência que maneja seu uso (diário, semanal) e a disponibilidade de recursos para desprender esse hábito.

Para alguns, é como “item básico das compras do mês, não sei se é na seção alimentícia ou na de saúde mental”, diz uma interlocutora. Existem maneiras de baratear esses custos, a exemplo das compras coletivas entre usuários ou em vocabulário nativo, “os corres”.

O excedente: Dias atrás encontrei uma amiga, não recorro como chegamos no assunto de maconha, fato é que ela havia compartilhado comigo que havia combinado com um grupo (o grupo de colegas da faculdade, da prova do Enade) de rachar um *corre* de maconha, não me especificou se era 1kg (provavelmente), porém, uma das pessoas do grupo não havia pegado sua porção e não havia notícia do sujeito. Me ofereceu o excedente então, por um valor relativamente barato de “dois *pra* um” (dois reais para cada 1g de maconha, prensada). Nesse dia, 18 de novembro de 2021 previamente combinado, Lari diz que estava no estacionamento da academia onde eu estava. Vou até lá, coloco entre os seios, o *corre*, por ter saído sem mochila e também porque iria voltar para academia. Rimos ao passo que ela alerta “tá mó cheirão” denotando que era uma maconha fresca.

Neste último relato se observa duas coisas, a primeira que esse grupo de amigos/conhecidos fizeram um planejamento a fim de conseguir baratear seus custos, planejamento esse que envolve, conseguir um fornecedor que opere com grandes quantidades, reunir o dinheiro da compra entre os usuários e o mais arriscado: a busca. Não é raro que em momentos como esse, do itinerário da mercadoria, ocorram azares de ser pego em flagrante por algum agente do Estado. Embaraço esse que pode causar grandes danos e grande tormenta, até tentar se provar que você é apenas usuário. Essa desgraça, se você for usuário negro, acarreta em altíssimos níveis a possibilidade de você ser considerado traficante de alta periculosidade, pois é na identidade do corpo do negro que se objetifica a figura do traficante inimigo comum do Estado-nação (MEINHARDT, 2020)

Outro ponto, examina a ordem dos sentidos, o cheiro. Mesmo quem nunca experimentou fumar maconha, frequentemente reconhece seu odor, alguns gostam, outros

detestam, aos que tem antipatia pelo cheiro de maconha, muitas vezes são por premissas estigmatizantes somente por ser um produto do ilegal. Assim como a antropóloga Flávia Medeiros (2014) em uma etnografia no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro analisa as percepções de visão e olfato dos mortos, de forma análoga se mobiliza os sentidos ao pensar na maconha para este trabalho. O cheiro é algo altamente flagrante aos usuários de maconha, assim como a visão do ato de fumar maconha, para além do gestual dos usuários (tragadas mais lentas e diferença de aspecto em comparação a cigarros tradicionais) a fumaça exalada é visualmente mais densa. Soma-se a importância do cheiro tanto quanto da visão a flagrantes policiais, são inúmeros relatos populares entre usuários que contam que foram abordados por agentes do estado pelo “cheiro de maconha” ou porque mesmo distante, reconheceram que estavam a fumar maconha, como a interlocutora Louis justifica não ser abordadas pelos policiais no seu relato do capítulo 2: “...acredito que de lá eles (policiais) não sentiam o cheiro...mas a gente se via!!...”

O cheiro também pode representar uma espécie de hierarquia e requinte, isso porque o odor exalado do haxixe é muito diferente da maconha em flor/skunk, ainda para mais da maconha prensada que tem seu cheiro bem característico. Então em caso de festas/eventos *legalizes* onde se pode fumar sem grandes restrições, se percebe, através do olfato um apreço (ou cobiça) aos usuários que estão fumando “as cremas”.

Confiança e intimidade: Era quarta-feira, 26 de janeiro de 2022, ao chegar em casa tarde, luzes apagadas, me deparo com um pacotinho jogado na sala em embalagem de tabaco, abri, era uma encomenda de beck, não havia combinado com ninguém... Na manhã seguinte, meu colega de casa fala que era uma encomenda dele para com Samuel. Achei estranho, porque esse meu colega tinha ele seu contato pessoal e de sua preferência ao qual ele já conhecia e confiava, mas alegou que esse seu contato, estava “sem nada” ao passo que ele teve que apelar a Samuel. Lembramos de como é recorrente no verão de Florianópolis faltar maconha na cidade e de como era bom ter alguém de confiança que joga maconha pela sua janela enquanto você dorme. Rimos. Aqui vale uma ressalva, Samuel não vendia para quem não conhecia, mesmo com a indicação procedência de outros clientes. Me expressou que não gostava de vender para terceiros, amigos de amigos, conhecidos... Isso foi alegado de forma cortês, porém incisiva, pois ocorreu de eu passar seu contato a um amigo que estava turistando por Florianópolis e havia me suplicado um contato pois havia viajado de avião e ficara com medo da revista. Ao qual ele abriu exceção mas me pediu para que não viesse a

acontecer novamente. Compreendido e legitimado, ficava claro que as “regras” e etiquetas eram singulares de cada fornecedor.

Os fornecedores muitas vezes são incontinentes, eles mudam no decorrer da vida de usuários, seja por questões de mudanças de bairro ou cidade, desse modo, faz com que você necessite encontrar um outro *contato*. Possa ocorrer também dele cessar seus trabalhos no varejo de maconha, de ser preso, vender somente em grandes quantidades, não ter o produto, esse último, que foi o que aconteceu no relato do diário de campo. Para além disso, não são todos os fornecedores que vão até você, os apelidados de *UberWeed* (entrega de maconha), realidade essa que já ocorre em países como Canadá³⁰ onde a maconha é amplamente legalizada. O interlocutor/fornecedor Vini, por exemplo, não faz esse itinerário de levar a encomenda até você, já ocorreu de eu ter que encontrar Vini no estacionamento de um supermercado na Lagoa da Conceição, Vini assim como Samuel preza demais o decoro mas diferente de Samuel não vê problema de passar seu contato, dentro das etiquetas e bom senso (confiança e prudência) para outros possíveis clientes. Isso demonstra como não há uma convenção das regras do mercado ilícito, porém sempre haverá norteadores de códigos de disfarce e prevenção a possíveis flagrantes.

Retomar contatos: Era domingo, último dia do mês de janeiro de 2022, decidi ir até a praia, obstinada a encontrar Cléber, desde que ele perdeu ou mudou de número, não tinha visto ele, talvez pela época de final do ano que geralmente é tumultuada. Fui caminhando da entrada principal da praia do Campeche que é pela avenida Pequeno Príncipe e fui caminhando pela praia até o *point* do Novo Campeche onde conheci Cléber. Chegando próximo, pergunto pra outros comerciantes do local se haviam visto Cléber por aí, a resposta era negativa mesmo com minha descrição dele. Quando já estava quase desistindo de ficar rodando por ali, eu avistei-o. Confesso que me deu um sentimento de alegria, de “eu sabia, poh!” (que iria encontrá-lo). Me juntei a ele e outro *parça* que estava por ali, ele me contou que estava de ressaca da noite anterior, nesse dia ele cuidava do aluguel de guarda-sóis e cadeiras de praia. Ele me oferece uma lata de cerveja, ao qual aceitei e também os relatos da noite anterior, que incluía: que ele havia colocado um *Kunk* para os artistas da festa a qual ele foi e também havia levado um enquadro da polícia, ele com outros amigos, ele próprio reconheceu a arbitragem dos agentes policiais, porque relata que ele estava com os

³⁰ Site recomendado a maiores de 19 anos, oferece serviços de delivery de maconha. Disponível em: <https://uberweedshop.com/> Acesso em 19/01/2023.

“playboys” que ele se sobressaia como preto entre eles, chegou nessa conclusão porque ele foi o primeiro a ser revistado, segundo ele, como já estavam saindo da festa, quase de manhã, não tinham mais nada, rimos. Conta do dinheiro que ele tava fazendo com a atividade de “fazer corre”, mais vantajoso que o labor na praia... segundo ele, isso estava alterando a maneira como as pessoas o tratavam...isso ancorado em outro dia ao qual ele relatou que se sentiu rechaçado por uma moça, não contou com precisão, mas diz que: “quando sai com meu *bolo* de grana, daí sim ela me respeitou”. Claramente percebo o quanto ser um fornecedor e ser procurado por isso, aumenta a estima de Cléber.

Os encontros com Cléber sempre eram produtivos para pesquisa sobre a percepção de um varejista do mercado de maconha, no espontâneo de nossas conversas Cléber naturalmente relatava vários episódios do seu cotidiano. Como por exemplo, uma época em que ele passava também *pó* (cocaína) mas segundo ele, “era muito caos!” porque “o pessoal ligava de madrugada, a qualquer hora...” mesmo parecendo ser um ramo mais lucrativo, não compensa, em sua visão. Em uma sexta-feira, quatro de março de 2022, aproveitando os resquícios do verão, encontro Cléber no seu *point* da praia do Novo Campeche, ele me oferece uma cadeira de praia na cortesia (a qual ele alugava também) e me deu uma quantia de maconha *Colombiana* para preparar um *beck* para nós. Colombian Gold é uma espécie de maconha mais potente, da classe dos Skunks, porém mais comum e menos cara que outros tipos da “família” (*strains*) dos skunks, ao menos no varejo de Florianópolis. Enquanto estávamos na praia fumando, mesmo que os frequentadores da praia sejam em expoentes pessoas de classe média alta, não percebia se quer um olhar enfadonho ou de perturbação sobre nós. Nesse momento se aproximou uma amiga de Cléber, a “empresária gente fina”, segundo ele, era a segunda ocasião em que eu e ela nos encontrávamos juntamente com Cléber. Ela, uma mulher, enérgica e de “boa aparência” compartilha com nós aquele momento de conversas triviais fumando um *baseado* e pede de modo muito acanhado se poderia levar *a ponta* (restante do cigarro de maconha apagado) pois estava “sem nada!” alegava ela. Nesse momento em minha mente se confirmava as hipóteses de que alguns pedaços dessa cidade são realmente muito “hypados” e a maconha se insere nesse cenário. Não causa espanto pessoas sem aparência estereotipada de “maconheiros” serem usuárias, isso ocorre em todos os lugares, mas a abertura e a falta de sigilo em torno de fumar em locais públicos sem medo de julgamento, ainda me causava surpresa vindo de corpos não estigmatizados.

Alguns usuários correm o risco de serem autuados como “traficantes” e irem presos como tal, mesmo fazendo esporadicamente essa atuação, ou uma única vez. Para além do já mencionado cenário, de quando um representante do grupo de amigos/usuários compram em grande quantidade a fim de baratear a oferta do momento. O caso que gostaria de chamar atenção são os “fornecedores provisórios”, geralmente usuários que por razão unicamente de falta de dinheiro, esperam na venda provisória de maconha a solução para sanar alguma circunstância desagradável por falta de recursos financeiros. Seja por contas atrasadas, por exemplo, ou situações de compaixão, como a de Sandro, que relato a seguir.

[...] Mulher, eu já havia prometido que não *ia* mais fazer “mão” disso (fornecer maconha), já havia feito algumas vezes quando morava em Brasília...mas agora aqui, (Florianópolis) queria ficar sem correr esses riscos, saca?! Mas aí a minha gatinha ficou doente (lembro de jurar que era a companheira do Sandro e indagar: sua namorada?!), a gatinha felina [...] Eu *tava* sem grana pra gastos fora do esperado... Beleza, pensei: “não tem jeito..” porque assim...a bixinha teve que ficar internada uns quatro dias depois da cirurgia mais a medicação toda... a veterinária era bem gente boa, mas mesmo assim a conta era algo em torno de R\$5 barão (cinco mil reais), antes de eu explicar a situação pra veterinária a contava ficava tipo uns R\$ 8.000,00!!!... Foi nessas que fiz uma “mão de ganja” (maconha), me arriscando de moto...super visado...os porco (policiais) adoram parar uma moto atrás de *bagulho* (drogas)... [Sandro, 25 anos]

Por intermédio da escuta ativa, diário de campo e trocas com os três principais interlocutores deste capítulo (Cleber, Vini e Samuel) percebemos suas singularidades em torno do varejo de maconha. Para além do “menu” que cada fornecedor dispõe, levando em conta sua disponibilidade de atuação no ramo, já que todos exercem outras atividades na vida e também o perfil da clientela de cada um desses fornecedores, *dealers*, Supridores. Cléber, em uma das nossas últimas conversas registradas para este trabalho, falou que estava cuidando da biqueira de uma “favela” na região continental de Florianópolis, segundo ele, com a baixa temporada na Ilha e a pouca demanda de seus outros trabalhos autônomos ele estava se dedicando a cuidar juntamente com outros colegas de um trâmite por lá; se deslocava do Rio Tavares, onde ele mora de três a quatro vezes por semana, segundo o interlocutor. Samuel sempre teve o cuidado veemente com seus clientes, no que tange a camuflar-se como fornecedor, disse-me que estava somente com 15 clientes, “é mais tranquilo

ter um grupo seletivo", alega. Já Vini, que não vende prensado, tem sua clientela não limitada porém precisa, aqueles que podem bancar um uso mais sofisticado de suas preferências.

Espera-se que tenha se absorvido, mesmo que brevemente, como que se dá a dinâmica de obtenção de maconha e principalmente observar sua "vida" como mercadoria, amparada na teoria de Appadurai (2008); também Latour (1994) através das interações possíveis e seus efeitos entre todos os atores que movimentam-se nas redes do varejo ilegal de venda e compra de maconha.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de estranhamento e observação desta pesquisa foram algumas vezes em que eu mesma, como pesquisadora, percebia que reforçava estigmas e desqualificava o tema como de menor importância. Porém, ao assegurar que a questão das drogas, como a maconha pertence às competências de segurança pública dos dispositivos estatais, encarceramento em massa e discriminação racial dentre outros conteúdos da vida em sociedade, era o suficiente para entender que o assunto deveria abranger discussões pertinentes e ações urgentes para mudanças do paradigma proibicionista. Não somente a disciplina das Ciências Sociais mas o amplo debate público por toda sociedade. Porém, para isso é necessário desvestir-se de todos os preconceitos aprendidos e de tudo que ouvimos sobre o uso de drogas, já que a maioria das argumentações sobre o discurso das drogas são enviesados pela discriminação e principalmente informações baseadas em credulidade.

Pelos relatos dos interlocutores-usuários e fornecedores se evidencia a distinção sobre quais corpos recai o peso do proibicionismo, pensando na demografia da população carcerária, pessoas negras estão arcando com o fardo dessas prisões. "A mensagem parece ser que, se você é branco, é usuário. Pode ir para casa. Mas se é negro, é traficante. Deve ir para a prisão." (HART, 2021, p. 234).

A partir da pesquisa sobre o uso e circulação de maconha na cidade de Florianópolis foi possível concluir que existe uma tolerância ao uso, entretanto isso só é possível a corpos não-racializados em espaços majoritariamente usufruídos por pessoas brancas.

As teorias, como a de Arjun Appadurai, sobre a vida social das coisas bem como a do TAR- teoria ator-rede de Bruno Latour foram elementais para traçar um fio condutor ao que gostaríamos de demonstrar, assim como todos os outros autores que auxiliaram na construção da argumentação para esta pesquisa. Além disso, o estudo que também apontou a possibilidade de reaver o que muitos chamam de vício na verdade constitui um vínculo,

frequentemente positivo com as substâncias, não que seja ignorado os usos problemáticos mas entendemos que os gastos públicos e a dita Guerra às Drogas não estão assegurando avanços para um dilema tão complexo e urgente quanto o tema das drogas.

A expectativa é que este trabalho de conclusão de curso se torne obsoleto o mais rápido possível, onde um novo horizonte de novas regulamentações promovam a descriminalização das drogas e, gradativamente, transformem a desmoralização sobre o tema das substâncias. Apesar disso, que sirva de exemplo de como as instituições e a sociedade atuaram no tema das drogas, como a maconha a qual ainda causa alvoroço. Por fim, conclui-se que os destroços do estado de proibição da maconha e outras drogas são ainda mais perversos que os efeitos do uso problemático, a necessidade de rever nossa atual política de drogas não pode ser vulgarizada por preceitos inverídicos e imaturos.

6. ANEXOS

Figura 7 - Bud de maconha



Fonte: Mensagem do Whatsapp

Figura 8 - Haxixe



Fonte: Mensagem do Whatsapp

Figura 9 - Bud de maconha



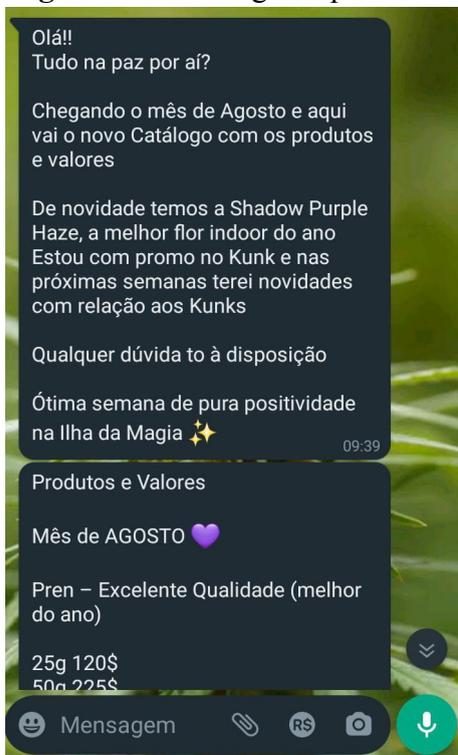
Fonte: Mensagem do Whatsapp

Figura 10 - Prensado de maconha



Fonte: Mensagem do Whatsapp

Figura 11 - Catálogo de produtos **Figura 12 - Catálogo de produtos**



Fonte: Mensagem no Whatsapp



Fonte: Mensagem no Whatsapp

REFERÊNCIAS:

AMARANTE, Carolina do ROSSATO, Luciana. **Transformações urbanas na cidade de Florianópolis (1989-2011): a derrubada do bar do Chico no Campeche.**

AMARANTE, C. do. **O Bairro do Campeche: ‘Qualidade de vida junto ao mar’.** CaderNAU, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 81–94, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/cnau/article/view/5522> Acesso em: 15 jul. 2022.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Rio de Janeiro: UFF, 2008

BARROS, André; PERES, Marta. In: **Proibição da Maconha no Brasil e suas raízes escravocratas.** Revista Periferia, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-20, jul-dez 2011

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL, Lei **11.343, de 23 de agosto de 2006.** Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2010.

CARNEIRO, Henrique. In: **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no séc XX.** Revista Outubros, São Paulo, v. 6, p. 115-128, 2002.

DAMATTA, Roberto. In: **“O Ofício de Etnólogo” ou como ter “Anthropological Blues”.** In E. Nunes (org.), *A Aventura Sociológica – Objetividade, Paixão e Improviso e Método na Pesquisa Social.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35: Disponível em: <https://agnesufop.files.wordpress.com/2017/09/o-ofc3adcio-de-etnc3b3logo-ou-como-ter-an-tropological-blues-roberto-damatta.pdf>

FALERO, José. **Os Supridores-** 1ª ed- São Paulo: Todavia, 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HART, Carl. **Drogas para adultos** 1ª ed- Rio de Janeiro: Zahar 2021

LACERDA, Lucas; SANTOS FILHO, Dorival Gonçalves. **O que é ser Manezinho?** Working Papers em Lingüística, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 84, 7 abr. 2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994

LANÇAS, Vinícius Ramos In: **De usuário a ativista, o movimento anti-proibicionista através da Marcha da Maconha no Brasil**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205972/PSOP0642-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em: 15 dez. 2022

LORETO, L. A. **O QUE PODE O CORPO DROGADO? ANÁLISES DA NARCOTIZAÇÃO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS**. Revista Inter-Legere, [S. l.], n. 15, p. 311–335, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/6383>. Acesso em: 10 out. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor In: **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2002, v. 17, n. 49 [Acessado 12 Setembro 2021] , pp. 11-29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200>

MALCHER-LOPES, Renato; RIBEIRO, Sidarta. **Maconha, cérebro e saúde**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2007.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83

MEDEIROS, Flávia. **Visão e o cheiro dos mortos: uma experiência etnográfica no Instituto Médico-Legal.** *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 23(23), 77-89. 2014
Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v23i23p77-89> Acesso em: 06 dez. 2022.

MEINHARDT, Yanaê Maiara In: **Nas trincheiras do proibicionismo: a fabricação de masculinidades criminalizáveis.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas , Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216102/PPSI0912-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em: 18 set. 2022

NERY FILHO, Antonio. **Porque os humanos usam drogas?** As Drogas na Contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais, Salvador, 2012. EDUFBA.

POLICARPO, Frederico. **O consumo de drogas e seus controles:** uma perspectiva comparada entre as cidades do rio de janeiro, brasil, e de san francisco, eua. Rio de Janeiro: Consequência, 2016.

POLICARPO, Frederico. **Os discursos acerca das drogas e os idiomas experienciais de consumidores de drogas na cidade do Rio de Janeiro:** apontamentos sobre a continuidade e descontinuidade no consumo de drogas. *Cuadernos de Antropología Social*, v. 31, p. 145-168, 2010.

RIBEIRO JÚNIOR, Antônio Carlos. **AS DROGAS, OS INIMIGOS E A NECROPOLÍTICA.** *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades*, [S.l.], n. 238, p. 595-610, dez. 2016. Disponível em:
<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/251>. Acesso em: 13 nov. 2022.

SIQUEIRA, Domiciano. **Construindo a Descriminalização...** Outras Palavras: sobre o cuidado de pessoas que usam drogas, *Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul Porto Alegre*, v. 1, n. 1, p. 65-69, 2010.

SOUZA, Paulo César. **Uma utopia hippie**. in: Sem cerimônia, críticas, traduções, projetos. Ba, Oiti, 1999

VELHO, Gilberto. 1998. **Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

VERÍSSIMO, Marcos. In: **Maconheiros, Fumons e growers: um estudo comparativo do consumo e do cultivo caseiro de cannabis no Rio de Janeiro e Buenos Aires**. 1. ed- Rio de Janeiro: Autografia, 2017

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (2002). **O nativo relativo**. *Mana*, 8- Abril 2002.
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>. Acesso em: 15 mar.2022

WHYTE, William Foote. **Treinando a observação participante**. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1990.

ZALUAR, Alba. **A guerra sem fim em alguns bairros do Rio de Janeiro**. *Cienc. Cult.*, São Paulo , v. 54, n. 1, p. 32-38, Junho de 2002.

ZINBERG, Norman. **Drug, set and setting**. New Haven: Yale University Press; 1984.